MEMORIAS
DE UM
SAPATINHO

MEMORIAS DE UM SAPATINHO

MEMORIAS

DE UM

SAPATINHO

A * * *

Il etait si petit, qu'un enfant l'eut pu prendre.
Dans sa main . . .

A. DE MUSSET.

Este livro é dos poetas
E mais de vós pombas minhas;
Podeis-me ler borboletas,
Podeis-me ler andorinhas.

Editor = Thomaz de Mello

Lisboa, 7 de Outubro de 1885.

Dom Thomaz de Mello, amigo:

Eu, *el pueblo*, te envio muito saudar, como a quem prezo e admiro, por tuas invenções, excentricidades, boas e alegres partidas, pelos muitos merecimentos, emfim, e mais partes que em ti concorrem.

D'este velho palacio desmantelado, na travessa de André Valente,—quasi tão desmantelado como deve estar lá em cima, no Céo, a casa de Deus Nosso Senhor, depois que lá foram derrocar tudo, com baterias de alexandrinos e bombas de comparações, esses furiosos dynamitisadores do Paraiso celeste que se chamam Richepin, Junqueiro, Gomes Leal,—d'este velho palacio, que fica a poucos passos da casa onde morreu Bocage, e na fachada da qual, entre parenthe-

sis, o curioso em vão procura uma lapide commemorativa, como a que se admira, por exemplo, na frontaria da casa onde morreu ou nasceu, — não sei bem, — a senhora Pusich, — d'este velho palacio, dizia eu, te estou escrevendo esta incongruente epistola, para servir de prologo ás *Memorias de um sapatinho*, das quaes te declaras editor.

Pois, meu caro, já que se trata de sapatinho, devo confessar-te, no estylo parlamentar do conselheiro Arrobas, que eu não sei como... descalçar esta bota.

Com effeito, ha cerca de dois mezes que me pediste o prologo, e que eu t'o prometti. É certo. Certo é, egualmente, que o meu nome, como auctor d'esse prologo, figurou, em grandes letras negras sobre fundo vermelho, n'um sem numero de cartazes que mandaste affixar em todas as esquinas de Lisboa. Infelizmente, porém, não é menos certo, que até á data de hoje não estava escripta, nem sequer *pensada*, a primeira linha do tal prologo de arrelia.

De arrelia, porque hoje, 7 de outubro do anno d'esta desgraça, tu, Dom Thomaz de Mello,

rompes pelo meu quarto dentro, torvo e implacavel como Belzebuth, quando vem reclamar a alma do moribundo que lh'a vendeu, e em nome da palavra empenhada reclamas este maldito prologo para amanhã, para amanhã o mais tardar. Porque a typographia espera, dizes tu. A typographia espera na rua Nova dos Martyres, dos martyres, fatidico nome, como na estrada de Thebas esperava os caminhantes, sinistro, terrivel, hiante, aquelle monstro, meio leão, meio mulher, a Esphinge, antes que Œdipo o forçasse a dar o mergulho da morte no mar hellenico.

Pois bem, ó Thomaz, consente que eu repita, cada vez mais perplexo, a tal citada phrase do conselheiro: eu não sei como descalçar esta bota! Sim, eu acho isto quasi tão difficil, como seria áquelle conselheiro patagão, áquelle conselheiro monolitho, áquelle conselheiro pachyderme, o calçar, no seu *pé* colossal, o sapatinho, cujas *Memorias* estou prologando, ou fingindo prologar.

Emfim, já que assim o queres, prologuemos... Não desgosto d'este verbo que me cahiu já tres

vezes do bico da penna, não desgosto d'elle,— em que peze ao vernaculo sr. Latino e a outros conspicuos caturras da Academia.

Adiante.

Tu sahiste do meu quarto e eu fiquei. Fiquei n'este quarto, frio e humido como um aquario, onde, se queres completo o simile, vive um poeta de agua doce, este teu creado... para o serviço dos prologos. Cá fiquei, com dois companheiros. Um já de mezes, o meu rheumatismo; outro de dois dias apenas, chorão e rabugento como todos os recemnascidos, um coryza. Ficando em tão agradavel companhia, entregue ás dôres de um e aos espirros e concomitantes assoadellas do outro, puz-me a scismar na maneira de te escrever isto. Então, no intervallo de um *hatchin* ruidoso para uma dôr aguda sobre o sterno, uma ideia luminosa occorreu-me: — que antes de escrever este prologo das duzias devia ler as *Memorias de um sapatinho*. Deixaste-m'as aqui até paginas 128. Li-as a correr, li-as todas de um folego, interessado, intrigado e, devo dizer tudo, um todo nada escandalisado.

Interessado, confesso-o vermelho de pejo, pelas confidencias maliciosas, picantes, intimas, eroticas, cantharidinas, do brejeiro do sapatinho, que mette o bico em todas as alcovas, que levanta todos os véos, e que até dá com o bico em todas as almas.

Escandalisado, — por tudo isso mesmo.

Ah! tu querias um prologo para os mexericos do sapatinho, querias, Thomaz? Pois aqui o tens, vae lendo, a vêr se gostas.

Amicus Plato, amicus sapatinho, *sed magis amica veritas.*

Memorias de um sapatinho, meus senhores e minhas senhoras, é uma das obras mais escandalosas que se teem escripto desde que n'este mundo se faz litteratura pornographica...

Hein! que tal, ó sapatinho, quero dizer ó Thomaz?

Minhas senhoras e meus senhores, affiançolhes que nem Petronio, nem Boccacio, nem o Aretino, nem Parny, nem Louvet de Couvray, nem o nosso Bocage, nem Pigault-Lebrun, nem Theophilo Gautier na *Mademoiselle de Maupin,* nem os modernos pornographos, systematicos ou

eventuaes, o Bellot, o Mendès, o Silvestre, o Maupassant, o Zola e *tutti quanti,* nenhum d'esses *vidangeurs* da carne, nenhum d'esses exploradores da vasta cloaca humana, frios analystas ou francos proxenetas litterarios, nenhum, nenhum penetrou, de lanterna em punho, no immenso cano de despejo da lascivia bipede, (ou quadrupede, quando dois lascivos se confundem n'um só) com mais fria e resoluta coragem do que este atrevidissimo sapatinho, que não tem papas...na sola.

Estás contente, meu caro sapatinho?

Faz-te conta o meu franquissimo parecer?

Faz, faz; e agrada-te muito, eu bem sei. Deixemo-nos de fingimentos, meu rico. Vamos, cartas na meza e jogo franco. Tu, além de sapatinho elegante, provocante, petulante, bregeiro e indiscreto, és um sapatinho muito esperto. Sabes que todo o mal, que das tuas *Memorias* estou dizendo, redunda em teu bem. Sim, tu sabes que cada geração tem a litteratura que deseja, que procura e que merece. Como os libertinos senis e impotentes, que buscam um vigor artificial nos aphrodisiacos, tu sabes que ha gera-

ções precocemente gastas, que procuram com soffreguidão esse vigor nos livros irritantes, como este das tuas *Memorias*.

Pois que te faça bom proveito, sapatinho, a ti e ás taes gerações. Dá-lhes, dá-lhes, sapatinho, com a sola e o tacão, na tal parte que tu sabes, porque elles gostam d'isso, gostam e precisam, coitados.

E, agora, sabes tu quem te devia fazer este prologo, fazel-o não, que o não póde já, mas inspiral-o? Sabes quem?

O Bocage.

Porisso eu, antes de me sentar a escrever, abri os olhos e os ouvidos para o lado da casa proxima, onde se finou o grande Elmano, a ver se d'ahi me vinha alguma inspiração. Os olhos nada viram, mas no silencio da noite os ouvidos escutaram um ruido secco, persistente, compassado como o de um tambor batendo a marcha. É que essa casa onde o poeta de tantos sonetos estrondosos viveu os ultimos dias da sua vida, essa casa, deves sabel-o, é hoje uma fabrica de chocolate. E eu ouvi apenas isto:

Tap tap tap
Tap tap tap
Tap tap tap

Tap tap tap — tap tap — tap tap.

Era a chocolateria, trabalhando.

Pensei então, que os manes de Manuel Maria estremeceriam de gosto suppondo que o moço da fabrica estivesse fazendo o accompanhamento a alguns d'aquelles versos que parecem escriptos ao rythmo de uma caixa de rufo, por exemplo:

Bojudo fradalhão de larga venta,
Abysmo immundo de tabaco esturro,
Doutor na asneira, na sciencia burro...

Mas, por mais que eu evocasse o espirito do auctor das libertinas e deliciosas *Cartas de Olinda e Alzira,* por mais que eu lhe promettesse obter de um seu descendente, o sr. Bocage, ministro dos Estrangeiros, uma carta de empenho, para o sr. Cocó, presidente do municipio de Lisboa, mandar pôr uma lapide n'aquella casa, a nada se moveu Elmano, entretido como estava, creio, a ouvir o chocolateiro.

Desanimado por esse lado, alguem veio, comtudo, em meu auxilio.

Foi simplesmente a minha creadita, uma fresca raparigota da Beira, forte, morena, de faces pennugentas de pecego, olhos vivos, cabello negro, achatado, moldando o contorno firme da cabeça como um capacete sarraceno (isto é de Gautier) e encimando uma cara de joven guerreiro.

Devia ser assim a cara de alguma irmã de Viriato, o pastor que correu as legiões Romanas a pau, a pau que é a verdadeira arma nacional, a que melhor maneja um lusitano legitimo.

Ora, o diabo da rapariga, a esses dotes plasticos reune dotes intellectuaes apreciaveis, que ella cultiva com a leitura assidua do *Diario de Noticias*, sendo uma fervorosa admiradora dos versos do sr. Luiz de Araujo. Por signal até, que, pelo centenario de Luiz de Camões, me perguntou ella se tambem fariam *santanario* áquelle outro poeta Luiz tanto da sua estimação.

Pois hoje, a moça, testemunha dos meus embaraços em levar a cabo este prologo, abeirou-se de mim, e com as mãos nos bolsos do avental, o seu agil e firme busto vergado para dian-

te e os olhos reluzentes de malicia cravados nos meus, disse-me:

—Não se rale, senhor. Olhe: hontem, quando o sr. D. Thomaz trouxe aquella papelada, (e com o queixo e o beiço inferior estendidos apontava para as *Memorias* abertas na minha meza de trabalho), o senhor não estava cá, eu tinha arrumado a loiça, feito as camas; e para me entreter, fui lendo aquillo tudo. Li e gostei, gostei tanto, tanto! Que reinação! Sabe que mais, senhor, o tal D. Thomaz sempre tem uma labia! E os versos, que lindos! D'aquelles, nem o Zé da Azenha, lá na minha terra, os faz melhores pelas esfolhadas! .. Agora, quanto ao *caractel* das pessoas que elle metteu nas taes *Minorias,* isso é tudo uma corja, mulheres e homens... Quer ver? Aqui tem uns versinhos que eu fiz a respeito d'aquella sucia. Talvez sirvam ao senhor.

E, tirando a mão direita da algibeira do avental, entregou-me um papel. Olhei para elle e li alto:

—Manteiga, cebollas, vinagre...

—Ai! ai! que lhe dei o rol. Eu sempre sou uma... Não é isso, não é isso, tome lá.

E deu-me outro papel. Ahi vai o que elle continha, depois de levemente emendado por mim:

A tal Nohemia,
Ai Deus! que femea,
Ai que irmã gemea
D'uma bohemia!

A Clementina,
Velha gaiteira,
Ai que bregeira!
Que Messalina!

O tal menino Alfredo,
Traste de metter medo!

O padre capellão,
Verdadeiro barrão,
E que ladrão!

Gósto só da Georgina.
É ladra fina,
Mas tão ladina,
Que talvez trepe,
D'um grande salto,
Do amor d'um Pepe,
A amor mais alto!

Tão satisfeito fiquei com a justeza critica, singela e concisa, dos versos da pequena, que lhe dei um forte abraço, o primeiro que lhe dou, creiam... *Honni soit qui mal y pense!* Abracei-a quasi como se abraçasse a Musa, fraternalmente. No fim de contas, é uma collega, que diabo! E, aqui para nós que ninguem nos ouve, ó Thomaz, eu prefiro-a a varias litteratas do meu conhecimento; porque a minha Rosa, chama-se Rosa a sopeira, a minha Rosa faz versos, tão bons, ou maus como os das outras; mas é bonita, benza-a Deus, como nenhuma das taes: depois, não é pretenciosa, não é pedante, não é preciosa ridicula, não é *bas-bleu;* é, felizmente, melhor, muito melhor do que *bas bleu*, é *cordon-bleu*, isto é, uma cosinheira habilissima no refugado, no estrugido, no frito, no guisado, em tudo, tudo, emfim é um Vatel de saias; — coisa que as outras nunca foram, nem hão de ser, com grave prejuizo do paladar e do estomago dos homens que tenham a má sorte de se ligar a ellas.

E, rendido este preito de justiça e de gratidão ás prendas varias da minha boa Rosa, só me resta aconselhar aos que outra coisa esperavam

d'este *soi-disant* prologo, — que leiam, ou se lembrem de terem lido, o prologo da *Mademoiselle de Maupin*, de Theophilo Gautier. Esse prologo monumental, inimitavel, unico, serve para todas as obras de pornographia, quando sejam ao mesmo tempo obras de arte. Esse prologo é, para a litteratura erotica, o mesmo que é, para a litteratura romantica, o famoso prologo do *Cromwell*, de Victor Hugo: — um codigo, um Evangelho. Mas como Gautier foi um poeta sensual, pagão, eu aos devotos, aos beatos, aos Tartufos, recommendarei antes que leiam o que das *Memorias do cavalheiro de Faublas* diz, elogiando em muita parte esse livro, o poeta christianissimo e castissimo por excellencia, Lamartine, na sua *Historia dos Girondinos*.

E por aqui me quedo, amigo Dom Thomaz.

FERNANDO LEAL

Era ao escurecer de uma tarde de Abril. Passeando sem destino pelo Aterro, proximo á rampa de Santos, notei que um grupo de dez ou doze individuos, olhavam para o que quer que fosse que lhes excitava a curiosidade. Aproximei-me.

Era um cão formosissimo contorcendo-se nas agonias da morte pela intoxicação da estrychnina!

O pobre, fixando-me com um olhar doce e reconhecido, parecia implorar a minha inutil protecção.

Seguiu-se um estremecimento horrivel; os olhos

sairam-lhe como fora das orbitas, e segundos depois, expirou.

Terminara o espectaculo! O grupo rareou, desfez-se, e cada qual seguiu, desapparecendo, sem se lembrar talvez que immensa porção de carinho deixava para ali esquecida e abandonada sobre um monturo de lixo!

Demorei-me. Quiz ainda por alguns instantes estar junto d'esse que me lançára o seu derradeiro e bom olhar.

Quando me curvei sobre o cadaver passando-lhe a mão pela sua nobre cabeça, feriu-me a vista um objecto.

Era um sapatinho de setim preto, com um laço da mesma côr, mas tão pequeno, tão chique, tão endiabradamente voluptuoso, que me voltei em busca da fada que sem duvida me havia atirado com esse valioso talisman, em recompensa de eu haver assistido ao bem morrer d'aquelle symbolo de fidelidade.

Debalde alonguei a vista invocando a minha ficção! Estremecidas pela aragem, só me responderam as arvores no seu gemido dolente e melancholico.

Perguntei-a á amplidão dos mares, ouvi apenas as ondas, uivando e desfazendo-se em lençoes de espuma. Ergui então os olhos ao Ceu, e pedi-a ás estrellas, ás nuvens, e as nuvens seguiam, seguiam, mas nem ellas nem os astros, me concediam a sua imagem!

Restava-me apenas o sapatinho, esse não era uma ficção; via-se ali, tão real e verdadeiro, como no pé, da formosa a que pertencera.

Peguei-lhe doce e mansamente.

Quando a custo, dobrando os dedos lhe introduzia a mão direita como para melhor o admirar, notei, no mesmo sitio onde v.ª ex.ª no seu sapatinho de pellica, resguarda os seus dedinhos macios e rosados, um pequeno objecto que me fez estremecer.

Tirei-o a custo. Era uma folha de papel setim, em deseseis dobras, e completamente cheia de pontos finaes. O mysterio crescia, como crescia a escuridão, o mar e a neblina!

Guardando o papel no bolso do cazaco, e o sapatinho no do collete, desci o meu ultimo olhar de despedida sobre o cadaver do Terra Nova e dirigi-me para casa.

Peguei n'uma lente e principiei a decifrar os caracteres.

No topo da primeira pagina via-se este titulo:

MEMORIAS DE UM SAPATINHO

Li de um folego essas paginas como tambem o Diario de Nohemia. Entristeceu-me a historia d'esse formoso desventurado, commoveu-me o seu destino, e soffri como soffreria se encontrase um dos seus sapatinhos abandonado por essas ruas, exposto aos rigores do tempo, elle affeito á almofada morna e perfumada do seu *boudoir*.

Mais tarde resolvi tornar-me editor das suas memorias. Hoje que apparecem a publico, offereço-lh'as como um culto ao seu dilicioso pé, que sem duvida repousaria alegre e á vontade dentro d'este sapatinho author.

J. Mello

Havia perto de um anno que estavamos ao Chiado, na *montre* do sr. Vieira, sobre um leito de algodão em rama e separados dos outros companheiros por uma redoma de cristal debruada de velludo vermelho.

Eramos o orgulho do artista, o pasmo do transeunte, a cubiça de todas as freguezas.

E a quem poderiamos servir pallida leitora? Exceptuando o pé de v. ex.ª que outro se ajustaria ao meu seio de setim?

A mocidade estremecia-nos; a velhice mostrava-nos um olhar de profunda tristeza, como recordando os dias da sua juventude.

Uma tarde, Lord Bark entrou no estabelecimento e quiz comprar-me para um *breloque* de Lady Bark. Como o sr. Viera não lhe quizesse vender senão o par, o excentrico, offereceu-lhe dez libras só por mim, sob condição de lhe deixar o do pé esquerdo. Correndo parelhas com o millionario em teimosia e originalidade o sr. Vieira não accedeu ao capricho britanico, e a transacção ficou por se effectuar, o que sobejamente estimámos. Quão dolorosa teria sido a nossa separação!

Havia n'essa *montre* toda a especie de calçado, desde a bota de agua, taxeada na sola, até ao *chiquito* suave e gracioso do adolescente.

A um canto, a voluptuosa botina de setim preto juxta-posta á imperial, côr de canella e enfeitada com botões de madreperola; a outro, o sapato de salto á Luiz XV, zombando do tapa-meia religioso; mais longe, a terrivel *babouch* mourisca orlada de pelle de coelho, esmagando ao peso, o tamanquinho á Pompadour.

Eram-nos insupportaveis todos esses companheiros! E o destino, o terrivel destino empenhado sempre em nos conservar ali, aspirando

aquellas emanações do cabedal, sem ar, sem sol, sem liberdade!

Seria por sermos formas tortas, pensei eu de mim para mim. Mas quantas e quantas, accrescentava, passeiam por esse mundo em liberdade, frequentando os theatros, os passeios, as igrejas e até os paços de el-rei nosso senhor.

A's vezes, soltavam-me da redoma, pegavam-me cuidadosamente, sentavam-se, traçavam a perna direita sobre o joelho esquerdo, curvavam-se, descalçavam a botina... mas... suprema desgraça, quando iam a introduzir o pézinho no meu seio... quem diz?!

Umas vezes, era o refego da meia, outras, a impressão de uma unha encravada; muitas e que isto seja dito, manso, baixinho, e que não passe de v. ex.ª, um calo que principiava a despontar!

Não havia pé onde servissemos! O sr. Vieira pozera-nos na vidraça esperando que Deus por um capricho de arte, modelasse um pé para a sua obra phantasiosa!

Porém o bom Deus não se resolvia! Estavamos condemnados, ou a estar alli eternamente até ao grande dia da liquidação em que todos os sa-

patos são eguaes perante o pregoeiro, ou irmos parar nos pés de algum menino Jesus de aldêa, o que seria cruel para ambos, que aspiravamos á vida e á liberdade, com toda a força das nossas *almas!*

Queriamos ar, luz, sol e animação! Passar pela casa Havaneza, descer o Chiado, ver o Carvalho Ratado, esse veterano mutilado nas campanhas de Priapo; admirar os politicos, saudar os *sportmen,* sorrir para o Abreu de Oliveira, esse leão de valor que só com a acqüisição de uma jaula poude encontrar companheiros com quem se entendesse; dizer *algo* ao Tinoco, a esse endiabrado moço, que saiu um dia de Lisboa sem recommendações nem cortejo, sosinho com as suas esporas e o seu eterno sorriso, para se precipitar na arena de uma praça de Madrid, desafiando os touros e a morte e sustentando com briosa galhardia as velhas tradicções da patria do Gonçalves Vivas.

Uma tarde, seriam cinco horas parou á porta da loja um elegante *coupé* e apearam-se duas senhoras.

Uma era velha, feia, curvada. Os seus olhos

eram redondos como os de um abutre, e como os de este, fixos, immoveis e penetrantes. Não se lhe conhecia epoca nem estylo, recordava uma d'essas figuras de Morlhus o intrepido desenhador das catastrophes biblicas. Contrastando com esta villissima creatura, a outra era de uma formusura deslumbrante!

Os cabellos escuros, ondeados, bastos como a juba do leão, emmolduravam-lhe o marfim pallido da fronte. Os olhos negros, rasgados, vivos, deliciosos nas suas scintillações, irradiavam chispas de luz sob umas sobrancelhas maravilhosamente arqueadas. Longas pestanas ensombravam o brilho resplandecente da pupilla. O nariz ligeiramente aquilino, abria-se satisfeito aspirando o perfume que vinha da sua bocca, onde uns labios delgados—voluptuosos talvez—deixavam adivinhar uma soberba fita de perolas. A sua estatura era pequena, leve, graciosa; o pé, esse, coube no meu seio de setim, livre e á vontade como dizem os da arte do sr. Vieira.

Chamava-se Nohemia e era sobrinha de D. Clementina, essa que a acompanhava.

Nohemia approximou-se da *montre*, e abrindo-a

levantou a capsula de cristal, e levou-me na sua mão aristocratica, occulta em uma luva de *peau de chèvre* fina macia e perfumada. Em seguida voltou-se e entrámos para um pequeno gabinete.

D. Clementina olhava-a de soslaio e com um gesto pouco amoravel. Dir-se-ia a velhice odiando a juventude, a fealdade provocando a formusura!

Indifferente aos olhares de sua tia, Nohemia sentou-se em uma poltrona, e descalçando uma botina de pellica preta, pegou-me de novo com meiguice, e acariciando-me com a sua mão, collocou-me no seu pésinho, envolto em uma meia de seda côr de opala, iriada pelos reflexos sanguineos da sua pelle fresca e voluptuosa.

Nasceramos um para o outro. Deus havia praticado o milagre *porque eramos feitura d'elle mesmo!* [1]

Ia-mos ser felizes! Escravos do pé de Nohemia, que doce escravidão a nossa!

Ao ver que lhe serviamos, notou-se-lhe no

[1] Epistola de S. Paulo aos Ephesios—C. 2 V. 10

semblante, docemente agitado, essa divina expressão de contentamento que todas as mulheres experimentam em face dos seus attractivos.

Foi a verdadeira apotheose de um pé!

Abrindo a sua bolsa de filigrana de ouro, Nohemia pagou o nosso resgate, e envolvendo-nos em uma folha de papel de seda, entrou para o *coupé* seguida de sua tia.

Rodando ao trote de dois magnificos cavallos cordovezes, comprados segundo mais tarde soube na celebre *yeguaria* de D. Placido Ayales de Mira-monte y Ribas, paravamos em pouco ás portas de um sumptuoso palacio situado a Buenos-Ayres.

O atrio era imponente, como a enorme escada, como tudo quanto ali se patenteava.

Os creados atravessavam alegres e ao mesmo tempo respeitosos. Desenhava-se em cada rosto a felicidade e o bem estar.

Ao topo, abria-se um salão immenso. Descrevel-o seria impossivel! Era a magnificencia abraçando-se ao bom gosto, e apresentando tudo quanto pode haver de mais fino e aristocratico.

D. Clementina atravessou a sala e sem proferir

uma palavra a Nohemia; correu um dos reposteiros e desappareceu.

Segundos depois entrou uma rapariga de dezoito a vinte annos, endiabradamente formosa. Era Georgina, a sua criada grave, mais talvez, a sua confidente!

Approximou-se de Nohemia, beijou-lhe a mão, a face, e tomando o pequeno fardo que nos envolvia, desappareceu comnosco em uma corrida infantil.

Por onde nos conduziu ignoro-o, sei que fomos parar a um jardim, onde a esperava um elegante e gentil andaluz. Fallaram tão baixo que não pude alcançar uma só das palavras que trocaram. Apertaram-se as mãos, sorriram-se com todo o encantamento dos seus vinte annos, e um beijo longo e murmuro caiu nos labios graciosos do sevilhano.

A isto, seguiu-se um correr vertiginoso e em pouco tempo entravamos no quarto de Nohemia.

Reclinara-se sobre uma ottomana.

Os seus cabellos bastos e compridos, caiam-lhe em desordem pela alvissima cambraia da bata de rendas, aberta no collo, livre, solta a de-

sejos voluptuooss, dennunciando-lhe as formas do seio, nú, tremulo, nervosamente agitado!

De repente, oscillou um dos reposteiros, e um King's Charles, amarello, felpudo, com umas orelhas que se arrastavam pela alcatifa, veio saltando em graciosos requebros. Nohemia batendo com a sua pequenina mão sobre o estofo vermelho da ottomana, convidava-o a subir, e abrindo-lhe a cruz dos seus braços, em um dos saltos recebeu-o de encontro ao seio, cobrindo-lhe de beijos o seu pello fino e aromatisado.

Ai como nós vamos ser felizes! Como tudo aqui respira doçura e felicidade! Bemdito sejas Senhor, que não modelaste muitos pés pela forma dos de Nohemia!

Buenos-Ayres 2 de Novembro-188.

Estamos no quarto de cama de Nohemia, dentro de um cofre de tartaruga com encrustações de prata esfumada, e forrado de veludo verde de Utrech.

O seu quarto de dormir
Tem uma janella apenas,
Aonde em noites serenas
As aves vem affluir.

Olha para os verdes montes,
Em baixo, fica um pomar,
Lagos, bosques, horisontes
Longe, ao longe o Tejo e o mar.

Quando a lua no crescente
Illumina a sua alcova;
O astro mais esplendente
De viva luz se renova.

Quando estremecem as comas
Do laranjal a florir;
Vem-lhe entornar os aromas
No seu quarto de dormir.

É ridente a paizagem
Lagos, montes, ceu e mar.
N'aquella dôce paragem
Tudo, tudo a leva a amar!

Ás tardes ao pôr do sol
Agitam-se os loureiraes,
Aos sentidos madrigaes
Que lhes manda o rouxinol.

Sobre tapete de flores,
Pascem os alvos cordeiros,
E vem descendo os outeiros
Ao canto dos seus pastores.

Em bandos as cotovias
Pipillam doces carinhos,
E vem-lhe tecer os ninhos,
Debaixo das gelosias.

Descendo vem pela falda
Da serrania as ceifeiras;
Fugindo ao sol que as escalda
P'ra sombra das larangeiras

Entre as brumas do vapor,
—Fiada na sua estrella—
Solta ao mar a branca véla
A barca do pescador.

II

O seu quarto de dormir
Tem as paredes forradas,
De sedas admascadas.
E mantas de *cachemir*.

Tem um leito torneado
De negro Jacarandá,
D'onde pende um cortinado
De seda de Calcuttá.

As dobras do reposteiro
D'aquelle santuario estreito,
A cova do travesseiro,
A grande colxa do leito;

Os lençoes de nivea espuma,
O escuro do *edredon*,
A essencia com que o perfuma
De fino Rhododendron;

As cortinas de Damasco
Nas portas do oratorio,
As pinturas de Grão Vasco,
E a cruz do genuflexorio;

Tem sombras cariciosas
Como as grutas dos ascetas!
É para enraivar nervosas
É para inspirar poetas!

Só quizera que uma fatua
De tanta que ahi deslisa,
Me fosse ver essa estatua
Quando ella atira a camisa!

Um apostolo de Spada
Tem por custoso *pendant*
A cabeça ensanguentada,
D'um Christo de Zurbaran!

N'uma tela de Goblin,
Dezenha-se entristecida,
A velha Jerusalem,
A cidade deiicida!

Pelas *consoles de Bule,*
Estatuetas sem fim.
Limoges de puro azul
Velhos Christos de marfim!

III

Sobre um tapete de puma,
Todo franjado de arminho,
Macio como uma pluma
Suave como um carinho;

O Kings Charles pur sang
De precioso amarello,
Altivo como um D. Juan
Ciumento como um Othello;

Serve-lhe ao pé de almofada
Ampara-o, vela-o, protege-o.
Depois com a saia arrendada
Vae-lhe brincando e areja-o!

Na meia de seda aberta
Imprime o labio nervoso;
E ella abre os olhos, desperta
N'um sonho delicioso.

Logo serpente se enlaça
A subir, sempre a subir
Pelas veredas de cassa
A esse monte a florir.

Como na hastea mimosa
Se agita o pallido til;
Treme a saia vaporosa,
Ao ondular do reptil.

Depois, ebrio de alegria
N'um fuzilar de caricias,
Vae-lhe sorvendo a ambrosia
D'aquellas formas patricias!

Inda depois de cançado
Sempre a subir, a subir!
Cae emfim desanimado.
Ella simula dormir!

10 de Novembro de 188.

Hontem vi Alfredo, o filho de D. Clementina. E' um moço de 25 annos, alto, grosso, sem ser nutrido e revellando na largura das espaduas uma força prodigiosa. Os olhos são garços e de uma expressão suavissima. Os seus labios contraem-se-lhe ás vezes n'um gesto de amarga ironia, outras, abrem-se-lhe expansivamente n'um sorriso doce e generoso. A voz é de uma harmonia excepcional; mais de uma mulher tem estremecido ao ouvil-a.

Monta como um picador, nada como um Boyton e joga as armas como o primeiro professor de esgrima!

Esphacelou o que herdara de seu pae; mais tarde o que pertencia a sua mãe, e hoje prepara-se segundo ouvi, para desbastar a riqueza de Nohemia. Conserva ainda cinco cavallos; veste

do Keil, calça do Stelppflug, atemorisa os banqueiros, e é sempre recebido com enthusiasmo pelas Rigolboches do Passeio Publico do Rocio.

Simula amar Nohemia e é loucamente estremecido por sua prima.

São livres ambos, e todavia affirma-se que se não pode realisar o seu casamento! A pobreza mostra-lhes de longe as suas garras aduncas, como desafiando-lhes o luxo principesco em que vivem.

Diz-se que um brazileiro archi-millionario tem pretençoões á mão de Nohemia. Será isto official? Duvido-o.

12 de Novembro 188.

Estou no pé direito de Nohemia sobre uma meia de *fil d'Ecosse* côr de greda e bordada a froque vermelho.

Ás vezes, senta-se sobre a ottomana, estende a perna direita, dobra-a depois e leva-me para debaixo da coxa collocando-me entre ella e o velludo do estofo, menos macio do que a sua epiderme!

Que atmosphera morna e perfumada se aspira n'aquelle estreito e delicioso ninho!

Hontem entrou no seu quarto o padre Manuel, capellão da casa. Para mim é antipathico, repellente quasi. Tem sessenta annos; é baixo, gordo, e quando caminha, descreve um semicirculo com o pé direito, de dentro para fóra.

As bexigas lavraram-lhe no rosto sulcos interminaveis. A *madre,* sugando e carcomindo-lh'o,

adelgaçou em bico o seu nariz immenso, promettedor!

Os olhos são negros, completamente negros, mas formosos, bem rasgados, e de uma melancholica e suave expressão. Os labios vermelhos, lisos e delgados revellam uma sensualidade extrema. Os dentes, eguaes, frescos e admiravelmente esmaltados. Tem ás vezes no olhar uns assombros de criança, outras, fecha-os por forma tal que assustam pela expressão!

A voz é aspera e guttural. Falla pouco mas correctamente. As suas orações são breves, succintas mas, conceituosas sempre. Leu muito e aproveitou sompre. Palpa, observa e anathomisa. A memoria é prodigiosa! Avaro de seus conhecimentos, poucas vezes os revela para que ninguem se aproveite do que lhe pertence. Prompto sempre a receber; a conceder, nunca! salvo se d'ahi lhe resultar algum proveito ou para o corpo ou para o espirito!

Esse defeito da perna, logrou-o elle em rapaz. Azado a aventuras amorosas, tivera uma rixa com o conversado de certa moçoila com quem dias antes se fizera de namoro. D'esse jogo de

palavras resultou-lhe ser lançado por um despenhadeiro abaixo, d'onde mais tarde se levantou a custo com uma fractura na perna direita.

De então até hoje, o pé d'aquella perna, quando se levanta, descreve uma figura geometrica.

Ao cabo de quarenta dias, sobreveio-lhe uma febre aguda e pouco depois, as bexigas negraes.

De rija tempera era o malandrim; nem o defeito do rosto nem o esparvonado da tibia lhe enfraqueceram os instinctos libidinosos da sua sensualissima organisação!

Não respeitava idade nem sexo! Se algum intimo o acconselhava á moderação, pintando-lhe em vivas côres os perigos que porventura d'ahi lhe resultariam, o padre Manuel engatilhava um olhar feroz e respondia com o Ajax—*escaparei a tudo apesar dos Deuses!*

Nascera o padre Manuel na aldêa de Chança. Seu pae, pobre e honrado ferrador, a custo ganhava para o sustento da familia. O garoto fazia os recados pela visinhança, afim de obter o pão que ás vezes escaceava no lar. Por essa epoca tinha elle dez annos.

Um dia em que o boticario o mandara a com-

pras a Alter do Chão notou que se fazia tarde e que o Manuelsinho não apparecia. Deram as sete, as oito e as nove e o cachopo sem dar de si.

A noite ia chuvosa e as ribeiras levavam muita agua; o susto apoderou-se do boticario, e quando elle já dizia mal á sua vida por ter mandado a criança por essas charnecas fóra, ouvio que lhe batiam apressadamente ao postigo do portão. Era o pobre pae que vinha saber novas do pimpolho.

O medo é communicativo, cresceu o receio e não tardou que a imaginação começasse a phantasiar-lhes mil incidentes.

O boticario que a pessoa alguma seria capaz de emprestar a sua egua baia, mandou immediatamente aparelhal-a, para que o ferrador fosse em busca do filho.

O pobre pae não tardou em fazel-o. A meio caminho, divisou um vulto que vinha na sua direcção. Era o Manuelsinho a escorrer agua. Julgue-se a sua alegria, e qual não seria mais tarde o assombro, quando o rapaz aproximando-se n'um desabrido berreiro lhe declarou haver perdido sete pintos que para compras lhe entregara o boticario!

O terrivel golpe do dinheiro foi bem depressa esquecido na doce alegria de rehaver em suas mãos, aquella joia que perdida considerava!

Montando na garupa da egua, entrou por fim na aldêa, tendo o previo cuidado de recorrer á arca das suas economias, para que o rapaz devolvesse os sete pintos ao boticario, ensinando-lhe uma innocente mentira para se desculpar com o fabricante de remedios homicidas.

Meia hora depois a egua parava á porta da botica, e na sua companhia o ferrador e o Manuelsinho.

O boticario exultou de alegria abraçando o *caxopinho* e mais ainda os seus trez mil trezentos e sessenta réis.

Dois dias depois, soube-se na aldêa que o Manuelsinho estivera banqueteando-se na primeira taberna de Alter do Chão, em companhia da Ritinha de Santa Eulalia, mulher de má nota e uzeira e vezeira em apossar-se de alheios cabedaes.

Zurrando, ao dia seguinte, o gentil Heliogabalo, com as cordas que de azear lhe serviam a amansar cavalgaduras rebeldes ao cravejamento;

a despeito das lagrimas da pobre mãe, o ferrador não se tardou em mandar seu filho para terras da Beira, onde tinha um primo, exercendo profissão egual á sua.

Vivo e intelligente como era, em breve caiu nas graças do parente.

Toda a sua ambição era saber ler.

Deu-se o caso, que um dia, indo o regedor visitar o primo de Manuel, esse lhe fallou nos desejos do seu protegido. O regedor que era o contrario do que mais tarde se tornou o seu discipulo, isto é, homem que sentia grande prazer em derramar sobre os outros a corrente caudalosa dos seus vastissimos conhecimentos, não tardou em offerecer-se-lhe para mestre.

Foi dito e feito. No dia seguinte o Manuelsinho em vez de se occupar na separação dos canellos, foi dar a sua lição a casa do regedor. Tão bem se houve, mestre e discipulo, com tanto afan se aproveitou a ignorancia da sabedoria, que ao cabo de dois mezes o primo do ferrador, lia-lhe em horas de descanço, paginas e paginas de romances que era um morrer e chorar por mais. O que deveras assombrava, era vel-o accompa-

nhar a frase sempre de um gesto consoante á situação.

A fama não tardou em espalhar-se pela visinhança. Do alto do seu magisterio, e impando de orgulho, o regedor affirmava a quem o quizesse ouvir que, se o rapaz não fôra tão bronco de miolo, em menos tempo houvera aprendido a ler! Adoptassem todos os outros mestres o systema que elle creara, que nem aos burros de almocreve escapariam as formulas do seu methodo!

Por felicidade sua, fez o municipio ouvidos de mercador, ao contrario, a auctoridade passaria ao magisterio, e as suinas banhas de que se orgulhava o regedor, ser-lhe-iam em breve substituidas pelos suores da debilidade.

Devido ao methodo, ou á intelligencia prompta do moçoilo, certo foi que em pouco tempo adquiriu mais sabedoria do que o presidente da camara, homem de grandes qualidades litterarias e de não menos conhecimentos scientificos.

Havia muito que o morgado de *** o homem mais poderoso d'aquella villa o trazia de olho, afim de o recolhr em casa para, como quem não quer, introduzir na cabeça de seu filho, ainda que a

cacete fosse, o processo de distinguir o «A» das restantes letras do alphabeto, o que pessoa alguma jamais lograra, nem mesmo o poder paternal!!

Um dia finalmente, abordou o velhaquete, e desenrolando-lhe a formosa tela do seu futuro, offereceu a Manuelsinho o logar de companheiro de seu filho, com caza, cama, e meza, dois pintos por mez e o fato usado do morgadito.

Manuel recusou; mais longe iam as suas aspirações. Contava então dezesete annos. Foi por essa epoca que teve logar a rixa que nós já conhecemos. Medido tinha elle o seu futuro. Creara-o uma tarde vendo passar, montado em luzedio macho o prior da freguezia.

Se ao bem cevado da cavalgadura, se ao anafado e alegre semblante do ministro de Deus, se deveu mais tarde a tonsura de Manuelsinho, é facto por averiguar; o que não entra em duvida, é que foi d'esse dia, que partiu a resolução de esposar a Igreja.

Manoel, apesar de não fazer versos era poeta. Sorriu-lhe a cazinha branca de neve, espreitando o Eremiterio por entre um veu de acacias.

Proximo teria um regato onde os pardaes [1] ao romper da manhã iriam chilreando espanejar as azas na sua murmura e cristallina veia.

Os parochianos passariam por elle, bons, humildes, felizes na sua innocencia, innocentes na sua felicidade, pedindo-lhe um sorriso, um olhar, uma benção que lhes trouxesse a ventura e a paz ao seu lar; e elle seguiria alegre, feliz, espalhando as joias da sua infinita bondade, dizendo á velhice: recorda-te, e á mocidade: espera, e velhice e mocidade veriam n'elle um enviado de Deus para os amparar na vida com as suas predicas, e á hora da morte com o seu latim.

Elle poderia amar, amar muito, e ninguem suspeitaria o seu peccado porque seria elle o primeiro a combatel-o na conversação intima, no pulpito, por toda a parte!

Veria do ralo do confissionario, passarem-lhe como em kaleidoscopo, as azas vaporosas da innocencia, as phisionomias mansas dos arrependidos, as conturções dos grandes criminosos, os

[1] Na ornitologia, os pardaes eram sempre proferidos pelo padre. Ignoramos a causa.

N. DO AUTHOR.

suspiros das virgens, os rugidos das adulteras, e tudo ficaria impresso na sua memoria, e o seu coração seria o grande livro onde essas existencias iriam escrever a sua historia, historia de alegria, de desenganos de lagrimas, de sangue, de remorso, de vingança cumpridas e por cumprir; e tudo isto seria d'elle, e elle seria o cofre de todos esses segredos, segredos uteis talvez para um dia alcançar os seus desejos, quer no amor, quer na riqueza, porque ser padre é ser grande, é ser poderoso.

Ser padre é ser senhor, é trazer a humanidade sujeita pelo azear do fanatismo, e dominal-a e assustal-a com o latego de Deus, do Deus bom, do Deus clemente, do Deus misericordioso, do Deus que sorri e não ruje, do Deus que ampara e não domina, do Deus emfim que perdoa e não castiga.

Eis o que elle queria: eis o que elle conseguiu!

Dotado de uma vontade extraordinaria não tardou em alcançar aquelle porto desejado. Tomou ordens.

Brevemente se lhe denunciaram os instinctos.

O amor que alimenta o espirito e a meza que fortifica a materia, eram os altares a que padre Manuel se curvava com mais reverencia. Colxa e toalha, seios turgidos, e vacca do acem, labios dulcificados pelo mel das sensações e trouxas de ovos desfazendo-se em assucar; halito de mocidade e aroma de vinho velho; gyniceu e cosinha, thalamo e poltrona, coração e estomago.

Aldêa que atrevessassem, elle e a sua mula era um devastar de morte! Era o Attila e o seu cavallo.

Por essa epoca D. Clementina de Noronha que fora á terra da Beira fazer uma importante sobrogação em casa de uma sua prima, senhora de sã conducta, temente a Deus, e aborrecida dos homens em virtude de muitos que alcançara sem jamais ter logrado tudo quanto o seu coração ambicionava: um amor puro e sincero.

O que se passou no nobre solar da nobillissima fidalga perde-se na escura noite das conjecturas. Maldizentes houve que affirmam que D. Clementina tinha praticado um abuso de hospitalidade. Esse abuso foi confirmado em breve pela rapida saida da fidalga de casa de sua prima, e mais

provado ficou, quando seis mezes depois, o padre abandonando o seu rebanho, e com elle tres louras crianças sem pastagem nem redil, partiu da Beira para se introduzir no palacio de D. Clementina, como capellão e administrador da casa.

Por essa epoca, a abundancia e a prosperidade sorriam em casa da fidalga. Alfredo no apogeu das suas loucuras, desbaratava rendimento e capital.

O padre principiou a pescar nas aguas turvas, e mancummunando-se com um dos principaes agiotas de Lisboa, escovou sem piedade as derradeiras migalhas, para mais tarde lhe fazer frente com o seu proprio dinheiro, aos bens que de futuro viria a alcançar por fallecimento de sua mãe.

Conseguio-o!

Ao cabo de cinco annos estava compromettida a riqueza de D. Clementina.

Impa de satanico regozijo a consciencia avara do ministro de Deus e afiando as garras aduncas, espreita o ensejo de se precepitar sobre os bens de Nohemia.

Abençoado tu sejas ó tonsurado, ó filho, ó esposo da Igreja!!

10 de Novembro de 188.

Estou no pé de Nohemia, nú completamente nú. Sinto-lhe o palpitar das arterias. Conserva-se nervosa, agitada, cruelmente agitada. Melampo, contempla-a com uma expressão colerica, raivosa, ciumenta talvez. Tem lagrimas no olhar, não acaricia, ruge e arrasta-se sobre o tapete, rasgando-o como o *macaco,* o gato favorito de D. Clementina, o seu mortal inimigo.

Nohemia ora se debruça na *chaise longue,* ora se levanta n'uma agitação febril, fitando o mostrador de um relogio de Saxe. Este segue na sua regularidade mathematica, murmurando os segundos, frio como o bronze do seu pendulo, indifferente como as figuras que o adornam! Debalde os olhos supplices de Nohemia lhe imploram que se apresse; os ponteiros seguem morosos e invariaveis na sua marcha.

Senta-se e chama o King's Charles para o affagar. Este recusa-se n'um latido aspero e impertinente.

Soam finalmente as duas horas! O som do martello batendo na campainha do relogio, disperta-a do seu lethargo.

Levanta-se; attravessando o quarto como uma somnambula, approxima-se da janella e escuta. Abre-a mansamente, debruça-se e só vê as trevas de uma noite fria, humida e nublosa. O vento da barra sibillando por entre a ramaria dô pomar, agita-lhe os cabellos destrançados e soltos pelos hombros.

Aquelle ar frio e cortante suavisa-lhe a febre do corpo e do espirito. Descerra aos haustos da aragem, a cambraia que lhe occulta os seios, e entrega-lh'os, frescos, vivos, palpitantes de commoções.

Debruça-se ainda mais! Com o seu olhar immenso, tenta profundar a escuridão da noite e mede e investiga as sombras!

Nada lhe responde; o vento apenas agitando as franças dos arvoredos, e longe muito ao longe, o rio e o oceano!

E o relogio continua na sua marcha lenta e infatigavel.

Como que assustada, recolhe-se, e olhando para o Christo de Zurbaran, fita-o n'um olhar vago e indiscriptivel.

Melampo agita-se, e farejando, olha na direcção do reposteiro.

Nohemia escuta! A commoção empallidece-a! Novo ruido. E' elle, bem elle, o seu primo, o seu Alfredo, todo o amor da sua alma!

Os batentes da porta, descerram-se como dois labios para receber um beijo de amor!

Nohemia cae nos braços de Alfredo, tremula, emmudecida, sem consciencia de si mesma!

....

....

Estão sós, completamente sós! Reclinam-se sobre uma ottomana forrada de setim vermelho. Na frente, o Christo de Zurbaran ficta-os com o seu olhar doce e amargurado.

Espalha-se no recinto a voz mysteriosa do silencio de que nos falla o poeta allemão. Alfre-

do comtempla-a embebecido. Illumina-se-lhe o rosto n'um extasi religioso. Depois, apertam-se as mãos e fallam baixo, muito baixo como receando as suas proprias palavras. Nohemia approxima-se, perto, muito perto, tão perto que semelham um só vulto. *Dos abat jours* verdes das serpentinas, coa-se uma luz tremula e scismadora. Vem desmaiar-lhe nos rostos. Com o braço esquerdo, Alfredo cinge-a pela cintura, e erguendo a mão direita, affasta-lhe da fronte a nuvem dos seus cabellos! approxima-lhe orosto e beija-lh'os. O olhar que os abrasa, mistura-se, confunde-se. Estremecem! Tolda-lhes a vista um veu dulcissimo, vago, febril, mysterioso, e de um encantamento divino! Juntam os labios n'um beijo ardente, longo demorado, muito demorado, mas silencioso, manso, adoravel de embriaguez. Ella depois, desprende-se, affasta-lhe a fronte e contempla-o. Adora-lhe o gesto e as palavra que estremecendo lhe vem morrer nos labios: depois, com os dedos côr de roza pallida, desprende-lhe do labio superior, o bigode farto, negro, lustroso, perfumado pelo seu halito, e agitada, febril, louca de commoções, ardente de felicidade atira com

as perolas da sua boca para os labios de Alfredo e sorvendo-lh'os n'um beijo longo e murmuro, cae desfallecida nos braços do seu primo, o promettido esposo da sua alma.

E immovel, na sua frente, o Christo de Zurbaran, contempla-os com o seu olhar doce e melancolico!

....

....

— Amo-te murmurou baixinho, soltando-se dos seus braços!

— Adore-te, respondia-lhe Alfredo, fixando os seus labios no meu laço de setim.

14 de Novembro de 188.

Nohemia está d'uma pallidez mortal! Sob os seus olhos grandes e avelludados, desenham-se umas olheiras profundas. Hoje ao almoço, o padre Manuel não fez senão trocar olhares com D. Clementina. Advinharam tudo. Nada lhes escapou ao seu demorado exame! Como uma corsa assustada Nohemia erguia de vez em quando a sua gentil cabeça e contemplava Alfredo, recordando-lhe no olhar, os deliciosos instantes que horas antes lhe concedêra. Alfredo agradecia-lhe n'um gesto eloquente, doce e repassado de uma melancholia profunda.

Terminado o almoço fomos para o jardim.

Alfredo entrou para uma das estufas com sua mãe. Padre Manuel sentou-se sobre um banco de cortiça ao lado de Nohemia.

A pobre estremecia ao contemplal-o.

Com um cynismo revoltante, o padre não tardou em revellar-lhe que sabia tudo e, como paga ao seu segredo exijia-lhe o seu amor.

Infame! mil vezes infame!

17 de Novembro de 188.

Hoje entrou o padre Manuel no quarto de Nohemia. Era ao escurecer. Soffocada por tantas commoções deitara-se na ottomana e adormecera.

Estava no seu pé; vi tudo. O padre approximou-se e contemplou-a por alguns segundos. A sua respiração tornou-se offegante. O iris dos seus olhos humedecia-se na persistencia da fixação voluptuosa e sensual. Com as ventas abertas como as d'um cavallo arabe, o esposo da Igreja estremecia nas convulções de um desejo carnal.

Abaixou-se, e tomando-me em uma das mãos, imprimiu-me os seus labios soffregos de desejos e na meia de seda côr de carne que lhe occultava a pelle lisa e perfumuda.

Ai que padre Manuel!

30 de Novembro de 188.

O padre conseguiu os seus damnados fins! Ou desbragamento, ou medo, Nohemia entregou-se-lhe.

A amante de Alfredo refocilla no coração latrinario do esposo da Igreja! Com os labios mornos ainda dos osculos de seu primo, enodou-a as perolas da bocca, nas exalações asquerosas do mazalipatão e meio grosso de Xabregas.

Hontem desceram ao jardim, ella e o padre. Estava uma noite esplendida. A lua em toda a intensidade do seu brilho, illuminava o horto, amplo e maravilhosamente arborisado.

Em um dos lagos, dois cysnes pretos que Alfredo comprara a peso de ouro, vágavam lentamente, ora mergulhando os seus pescoços, ora levantando-os para se collearem em doces affagos. Nohemia debruçada no hombro do capellão se-

guia com o seu olhar observador, os transportes d'aquelle venturoso par.

Sentaram-se. A aragem fria da noite, descendo sobre os cabellos de Nohemia, embalsamava-lh'os com os finos aromas, bebidos nos seios das magnolias!

No momento em que o padre se approximava, para mais de perto se embebecer na contemplação dos seus olhos, ouvio-se por entre o rumorejar das folhas, o ruido de uns passos, e logo em seguida apresentou-se um rapaz de dez ou doze annos, com a voz em lagrimas, e ficando-se como assustado na presença do capellão.

Era um afilhado de Nohemia, participando-lhe que tinha a sua pobre mãe a morrer e que pedia para ser sacramentada.

Nohemia ergueu-se rapidamente. Tudo quanto n'ella havia de bom e de meigo, tudo n'esse momento lhe accordou ao coração.

Indicando no gesto que em tudo seria feita a vontade da moribunda, Nohemia despedio o rapaz, que desappareceu correndo por entre os canaviaes.

Meia hora depois, amparada ao braço do pa-

dre, seguiam pelas terras do cazal conduzindo a Eucharistia.

Se algum beijo interrompendo o silencio da noite, murmurou por entre os trigaes, que o denunciem as arvores que n'esse momento os espreitavam na sua passagem!

7 de Janeiro de 188.

Ha quarenta dias que estou na gaveta de uma commoda, entre uma grande porção de meias de seda e lenços de cambraia. Perfuma-me uma grande pedra de almiscar que Alfredo trouxe de Constantinopla. Dentro do meu companheiro, está uma folha de papel côr de perola, dobrado em forma de pomba, com estes versos assignados pelo padre.

Talvez algum passeio ao campo; provavelmente a Calhariz de Bemfica, onde uma vez estivemos em companhia de Alfredo.

Nos iamos a sós! corridos os *storez*.
Tepida aragem sacudia as crinas,
Aos alasões gentis, nervosos, corredores.

Eu beijava-te as formas perigrinas,
E o turgido seio palpitante,
E as brancas mãos, nervosas pequeninas!

Ninguem foi mais amado e mais amante.
Ninguem subiu mais alto ao paraizo
Do que eu, e tu, subimos n'esse instante!

Eu sorvia-te o mel do teu sorriso
No delicioso favo de teu labio,
Conchegado a teu seio éburneo e liso!

Ninguem te amou assim! ninguem ó sabe-o!
Diga-me o mundo embora, um louco um estupido,
Não me trocara n'esse instante cupido,
Por um Imperador, um Papa, um sabio!

9 de Janeiro 188.

Continúo na gaveta da commoda! Isto é barbaro, deshumano!

A ultima noite que estive no seu pé, foi para velar uma defunta! Que sorte! Serei porventura condemnado a jazer eternamente aqui n'esta escuridão? Receará Nohemia que eu vá divulgar o que se passou em caza da comadre emquanto a amortalhava a sobrinha do guarda portão? Nunca! seria incapaz de semelhante infamia! Os teus segredos serão sepultados no mais recondito da minha alma; guardal-os-hei até ao desapparecer o derradeiro fio do meu setim! Quero-te muito Nohemia, muito!

> Ó meu pé de amor perfeito,
> Meu perfeito e doce amor;
> Se me affastas do teu peito,
> Vaes desfazer-me de dôr!

Quando passeias altiva,
Na tua sala amarella;
E mais tarde, pensativa
Té-debruços da janella;

D'onde vês a branca ermida
No mais profundo do vale,
Como uma pomba fugida
Das redes do seu cazal.

Não te recordas Nohemia
Do meu seio de setim?
Ó alma das pombas gemea
Porque te esqueces de mim?

Quando ias graciosa
Ao rugir do meu saltinho;
Entre os perfumes da rosa
Nos campos de rosmaninho?

Ora outras vezes a medo
A doce luz do luar...
Esses transportes de Alfredo
No escuro do *boudoir*?...

Quando á noitinha no campo
Te emballavas suzerana;
N'essa rede americana
Entre as festas do Melampo?...

Quando sosinha com o padre
Foste levar a uneção
Á tua pobre comadre
Os olhos do capellão!...

E que mais tarde viemos
Por esses atalhos fóra
As voltas que nós fizemos
Até encontrar a nora!...

Ai! que divina frescura!
Tirara o padre a cazaca!
E só nos via a alfavaca
Que havia na bordadura;

Do poço, onde lançamos
Esse sigillo de amor!
No ceu as nuvens passaram
Dormia no campo a flôr!

Entre um cortejo de estrellas
Subia a lua nos ceus;
Tua comadre á luz d'ella
Entregava a alma a Deus!

Ó meu pé de amor perfeito
Meu perfeito e doce amor,
Ou me volves ao teu peito
Ou me desfaço de dôr!

10 de Julho de 188 .

Seis mezes! Seis mezes encerrado n'uma gaveta, sem saber de Nohemia, nem de Alfredo, nem do padre Manuel! Trevas, eternamente trevas!

Só hoje me libertaram, e para que? Para contar lagrimas e historiar desventuras!

A riqueza de Nohemia está completamente anniquilada, tanto por Alfredo como pelo padre Manuel!

D. Clementina, do alto dos seus pergaminhos, contempla com uma fleugma imperturbavel a ruina de sua sobrinha!

Uma só esperança a alimenta. A estrella polar da sua existencia, é o sr. Luiz Clemente o commendador, o brazileiro.

Este cazamento tem duas vantagens para a fidalga, a primeira, o dinheiro, a segunda, mais

importante ainda para D. Clementina: affastar Nohemia do padre Manuel, de quem se fina de ciumes.

Pobre Nohemia!

11 de Julho de 188.

Sei a historia de Luiz Clemente; é simples e breve.

Nasceu em Villa Gateira, pequena aldeia no districto de Santarem. Desde muito creança que mostrara extraordinaria vocação para o commercio.

Aos quinze annos, perdeu seu pae, e com moeda e meia que uma tia lhe dera, abraçou sua mãe e foi para marçano de tenda, na villa da Barquinha.

Ali, serropiando os cobres da gaveta, com infantil mas promettedora mestria, a par e passo que ia roubando no peso, ao cabo de cinco annos, juntou quarenta e duas moedas!

Hypocrita por calculo e mais ainda por organisação, Luiz Clemente era adorado pelos seus

patrões, e nunca freguez houve que deixasse de elogiar o comportamento do sympathico malandrim.

Era um gosto vêl-o ao domingo! aceado como elle só! Na missa um modelo de religião! Jámais se encontrava na companhia de collegas. Ao recolher a caza, havia sempre um presentesinho para a patroa, uma recordação dulcissima para sua filha. Era emffin um exemplo vivo da sua especie!

A patroa, D. Rosa da Silva, que muito tentada sempre fôra em loterias, era ao marçano, a quem entregava as cautellas, compradas a maior parte das vezes a occultas do seu marido.

Um dia finalmente, isto pelo mez do Natal sahiram-lhe cinco moedas na loteria de Madrid!

A sorte favorecêra-a; mas como haver á mão esse dinheiro sem que o marido fosse sabedor?

Depois de gravissimas lucubrações de espirito, D. Rosa recorreu a Luiz Clemente, e este, a titulo de vir a Lisboa saber de um tio, deixou os seus amos, e partiu, munido das instrucções que lhe dera D. Rosa: ir ao *Pão quente* rebater a cautela; ali mesmo comprar um bilhete da lo-

teria, e seguir depois á loja do Nascimento na Rua do Ouro, mercar um par de brincos e um alfinete de peito.

Dois dias depois, chegava o marçano a Lisboa. Foi hospedar-se na estalegem dos Camillos, e n'essa mesma tarde cumpria á risca todas as instrucções que recebera de sua ama.

Do dinheiro das suas economias, tivera elle o bom senso de se munir. Para o que desse e viesse, brincavam-lhe entre o pé e a meia, seis lindas peças em ouro. Com tal quantia, louco e bem louco teria sido se não corresse immediatamente a ver tudo quanto em Lisboa havia do bom e do melhor.

Dois dias depois, tinha andado a roda. Himpando de alegria e liberdade, atravessou o Rocio e foi á loja do *Pão quente* ver a lista. Qual não foi o seu espanto, quando vio o seu numero premiado, com a sorte grande!

Correu immediatamente á estalagem, abriu a pequena mala que o accompanhava e d'ali a uma hora rebateu a sorte.

Como para melhor construir o plano que rapidamente concebera, Luiz Clemente voltou outra

vez á estalagam, e ali, só, entre as quatro paredes do seu aposento, começou a meditar maduramente sobre o plano que concebêra. Consultou em primeiro logar a sua razão, esta dizia-lhe: vae, segue o teu destino, sê homem de bem, retribue com lealdadade e gratidão a confiança que em ti depositaram. Consultou o seu coração e este respondeu-lhe: não sejas louco, abandona vãos receios, narcotisa a consciencia, alcança um bilhete branco, envia-o a tua ama, depois, parte para mundos desconhecidos, engeita a tua arca com todas as economias, e segue, segue o rasto da tua luminosa estrella! És moço, robusto, sagaz, um dia serás grande, porque tens imaginação, porque és despreoccupado, porque és velhaco, porque tens enfim todas as tendencias para empregares os meios que te appareçam até attingir o cabo dos teus desejos.

Seguindo os conselhos do seu coração, no dia seguinte, Luiz Clemente obteve com facilidade um bilhete da loteria, *branco,* e enviou-o em carta fechada para D. Rosa, sem se recordar que n'essa carta ia promover a discordia entre marido e esposa.

Dias depois completamente desfigurado, partiu para Santarem, e mandando d'ali buscar sua mãe, deu-lhe avultada quantia, e despedindo-se, voltou para Lisboa na intenção de embarcar para o Brazil.

No entretanto, escrevia a seus patrões, participando-lhes que havia adoecido de bexigas negraes e que se estava tratando em uma caza, lá para as bandas de Alcantara.

Supponha-se o desgosto com que foi recebida esta má nova! Demais, como obter noticias? Tinha elle porventura mandado a direcção da caza onde havia caido enfermo? No seio d'aquella familia, ha pouco tão feliz, tudo eram lagrimas e desgostos! Além d'isso Luiz Clemente era insubstituivel! Onde encontrar rapaz tão docil e moral?

Maldita sorte que havia de arrancar a esse estabelecimento, a nata, a perola dos marçanos!

Passado um mez, a mulher do tendeiro, curiosa como todas as mulheres, foi por horas mortas da noite, quando seu marido dormia o somno dos justos, de palmatoria na mão esquerda, e

um martello e escopro na direita, atravessando os vastos armazens, até se aproximar do local onde dormira o infeliz marçano, morto a essas horas pela terrivel doença das bexigas negraes.

As barricas de manteiga, erguidas ao alto, interrompiam-lhe a passagem, como gigantes, mudos e atterradores! As saccas de assucar alvejando por entre a escuridão do aposento, inspiravam-lhe um receio de morte.

Pendentes do tecto, grossos molhos de chouriços negros, lustrosos e gordurentos confundiam-se com os presuntos, os ramilhetes de cebolas e as resteas de alhos, estendendo-se em enorme corrente e colleando-se pelas paredes do armazem.

Compridas mantas de toucinho, sobrepostas pela ladrilho, semelhavam lousas funerarias, alvejando lugubremente n'esse pantheon de despojos irracionaes!

Nas salgadeiras misturavam-se com os membros locumotores de um marrano do Alemtejo, as costellas magras e rachiticas do porco da borda d'agua.

Para que este quadro se revestisse ainda de

mais sombria tristeza, quiz o acaso que, se erguesse a cabeça do um porco monumental, com o seu olhar fixo e embaciado. e as suas presas enormes, terriveis, ameaçadoras!

Vetustas e esfaimadas ratazanas que seguiam para o saguão, atravessavam-se-lhe nos pés. Rosa estremeceu!

Dotada de um animo varonil, fez um esforço sobre si mesma, e vencendo-se, alcançou o pequeno repartimento onde Luiz Clemente dormia as horas mais felizes da sua mocidade.

Lá estava a cama por fazer, tal como a havia deixado; aos pés, os sóccos comprados na Barquinha, que eram um primor de artista, e no fundo, a um canto, triste como um feretro, a arca de Luiz Clemente.

Rosa approximou-se. Tentou ainda levantar a aldraba da fechadura, na esperança de encontrar aberta aquella arca que reunia toda a sua curiosidade. Foi inutil o seu esforço; fechada estava ella e bem fechada. Então, curvando-se sobre o joelho esquerdo, tomou o escopro, e á quarta martellada, torturando a cabeça do instrumento cedeu a lingueta e abriu-se a arca.

Lá estava todo o seu fatinho, limpo, escovado, irreprehensivel de aceio e ordem.

Rosa tomou-o brandamente nas mãos, e collocou-o sobre o leito; quanto á roupa branca, o mesmo: alva de neve, e aromatisada pelo cheiro activo e agradavel de uma maçã bemposta.

As lagrimas cairam em fios pelas faces pallidas e transtornadas da esposa do merceeiro.

Despejada completamente a arca, no momento em que a desarredava da parede, ouviu-se um som como o de tenir de metal. Rosa ficou mistificada! O fundo da caixa estava perfeitamente limpo. Então balançou o movel; o mesmo ruido e cada vez mais pronunciado! A merceeira curvou-se, e palpando, precisando por todos os recantos, nada encontrou. Finalmente, ao passar-lhe a palma da mão pelo fundo, notou que uma pequena saliencia lhe molestava o dedo minimo. Palpou ainda, e convenceu-se de que a arca tinha qualquer segredo.

Rosa possuia certos conhecimentos. Aos domingos, passava a tarde a ler o seu romance. O ultimo fora a *Castellã Sanguinaria* essa terrivel historia cheia de perigos, de subterraneos,

de portas falsas e armarios girantes. Não lhe foi difficil descobrir o mysterioso segredo, engenhosamente pensado pelo marçano. Em duas martelladas destruio o que tantos mezes levara a edificar!

Peças, libras e algumas moedas de ouro hespanholas, se lhe apresentaram aos olhos cubiçosos, entre uma grande porção de prata! A infeliz ia caindo como assombrada! Esse que ella julgava como um prototypo de honradez, não passava a seus olhos de um refinado velhaco que a estivera roubando pelo espaço de cinco annos! Mas Deus que é justo e bom — pensava ella — fulminou-o com as terriveis bexigas negraes, para que se não approveitasse d'esse dinheiro!

Para maior confirmação da sua deshonestidade, uma cruz de ouro, que pertencera a sua filha, e que todos julgavam perdida, lá estava entre as moedas em ouro!

Era o symbolo da fé inspirando D. Rosa contra a virtude de seu caixeiro!

Se o esposo veio algum dia a descobrir a existencia d'esse dinheire, ignora-se; de Luiz Clemente, soube-se mais tarde que estivera associado a

um negreiro com quem fizera tres viagens a salvo e bem succedido em todas tres.

Ao cabo de trinta e cinco annos voltara a Portugal onde o encontramos commendador.

Não ha de que assombrar. D'esta massa é que se fazem um grande numero de commendadores!

15 de Julho de 188.

Approxima-se a ruina! Uma das melhores propriedades de Nohemia, foi vendida pelo banco hypothecario. Os credores affluem impiedosos. Lavra a desconfiança no espirito da creadagem!

Os fornecedores, tendem a levantar o credito! Os comestiveis, outr'ora de primeira qualidade, principiam a vir sortidos; e a divida cresce, fria lancinante, inexoravel!

O cosinheiro perdeu o paladar; os molhos ou veem insonsos ou peccam por apimentados. As viandas, ou se servem em sangue, como na cosinha ingleza, ou em torresmos, como na hespanhola!

As aves, descuidosamente mortas, e mal chamuscadas, apparecem com um tom gangrenoso, e cheias de *canos!* Os *puddings*, desmancham-se nas fôrmas e sempre com *bispo!*

Na cavallariça, a palha saloia foi substituida pela da borda de agua; a fava tem caruncho! Os arreios mal engraxados, a ferragem, despolida e picada pela ferrugem! Os topetes dos cavallos, saccodem-se cheios de caspa. Passados apenas a ferro, ha semanas que não vêem *brussa!*

E a divida cresce, fria, lancinante, inexoravel!

As letras vencem-se, apontam-se e protestam-se, quasi sem aviso nem considerações!

Só tu Luiz Clemente, só tu com a tua mão de gigante poderás suster as paredes d'esse edificio, para que viva D. Clementina, Nohemia, Alfredo, o padre e todos, até o burro das compras!

E ao fazel-o, os teus peccados serão absolvidos, e os manes de D. Rosa, e os cinco contos de réis que lhe empolgaste, e as quarenta e duas moedas da arca, e a cruz de ouro, não irão perturbar a doce paz do teu dormir tranquillo e desassombrado!

17 de Julho de 188.

A desgraça caiu fulminante sobre esta caza!

Hoje, ás dez horas da noite, quando desciam para o chá, ouviram-se as detonações de um rewolver partindo do quarto de Alfredo.

O infeliz tentara suicidar-se! A primeira bala partiu, ferindo-o levemente no pescoço; a segunda passou a distancia. O seu estado não é assustador, segundo o affirma o medico da caza.

D. Clementina está como louca! Debalde investiga a causa d'aquella tentativa. Alfredo nada revela.

Jaz n'um somno lethargico. De vez em quando, abre os olhos, e fixa-os em Nohemia com expressão de amor, e ao mesmo tempo de duvida! Que dramas n'esse coração!

Seria Nohemia a causadora? Amal'a-ha a despeito dos terriveis abysmos que se combatem n'aquella alma excepcional? Sabe-o Deus!

Quando o padre Manoel se lhe approximou do leito, com o seu olhar hypocrita e cruel, Alfredo fixou-o com uma expressão terrivel. Não passou desapercebido a Nohemia: empallideceu; dir-se-ia que o remorso dominando-lhe a vontade a trazia á revellação dos seus delictos.

O quarto estava n'um silencio de morte! Não era o velar a um enfermo; semelhava a ultima noite de despedida, ao cadaver que nunca mais tornaremos a ver.

Alfredo de uma pallidez e immobilidade extrema, dormia, ou simulava dormir. De costas, estendido a todo o comprimento do corpo, com os braços soltos e os pés juntos e retezados semelhava um cadaver! Só pela respiração alta e irregular se lhe reconheciam os symptomas de vida! Na frente do leito, sobre uma papelleira de pau santo, dois castiçaes de prata, com enormes velas, tristes como de trintario, reflectiam no immenso pé direito do aposento, o seu circulo tremulo e indecizo.

Padre Manoel de pé, com os cotovellos apoiados sobre o balauste do leito ora fixava o seu olhar em Nohemia, ora o dirigia para D. Cle-

mentina. Assim se conservaram pelo espaço de quatro ou cinco horas sem proferirem uma só palavra.

Ao cabo d'esse tempo, Alfredo descerrou as palpebras e chamando por sua prima pediu-lhe que se approximasse.

Nohemia acercou-se-lhe, e ficaram segredando, ao mesmo tempo que D. Clementina saía do quarto na companhia de padre Manuel.

O esforço fôra demasiado! Em pouco, Alfredo caía na mesma prostração em que jazera momentos antes.

E' necessario ter-se velado um doente, para bem avaliar a tristeza que experimentamos n'essas horas da noite, terriveis de angustioso silencio, interrompido apenas pelas oscillações do pendulo, e o respirar turbado e irregular que parte do leito do enfermo, d'esse leito, que a cada momento receamos ver tornado em esquife!

Os moveis tomam um aspecto inteiramente diverso; têem ruidos imperceptiveis que assustam. O que ha pouco era natural, simples e acceitavel, reveste-se logo do imaginario e phantastico! Agora é uma taboa que se desconjunta, logo um

frasco que resvalando por um plano inclinado se faz migalhas de encontro a um objecto; mais tarde a aza de uma ave batendo nos vidros da janella.

Em seguida, pelas fendas dos postigos, entra o dia que nasce, entornando a sua luz dubia e entristecida. Ha n'essa claridade, lagrimas comprimidas, soluços abaffados, murmurios de tristeza, queixumes de saudade, e quando mais tarde o sol, penetra alegre e desassombrado, soberbo das suas gallas, orgulhoso dos seus raios de ouro, então, esse sol tem ironias que ferem, sorrisos que provocam, epigramas que fulminam!

Depois, é a cidade que desperta: o operario que sae, e o venturoso que recolhe; o braço que se levanta para o trabalho, e a mão que se estende para o travesseiro; a blouse que se areja, e o *paletot* que se resguarda. E toda esta vida, todo este movimento, e todo este arfar convulso, enorme, collosal, torna-se de uma melancholia terrivel, para o que de pé, junto ao leito do enfermo, observa, mede e escrutina, as differentes phases porque vae passando o doente, sob a vigilancia cuidadosa do seu immenso carinho.

Tal era o estado de Nohemia. Ao romper da manhã, Alfredo moveu-se entre a roupa; levantando a cabeça olhou em volta do quarto, e convencendo-se que estavam sós, fez signal a sua prima que se approximasse.

Nohemia debruçando-se sobre o leito, chegou os labios áquella fronte humedecida pela transpiração febril.

Fallaram baixo, mas não tão baixo que não ouvisse a revellação do terrivel segredo!

O infeliz falsificára a assignatura do barão de * * * n'uma letra de doze contos de reis! A letra vencia-se d'ali a dois dias.

Estava perdido, irremediavelmente perdido!

2 de Agosto de 188.

Hoje reuniram-se no quarto de D. Clementina, esta, o padre Manuel e Nohemia.

O infame do padre que para o salvar lhe bastaria recorrer a qualquer banco, retrae-se, lamentando-se não ter credito para obter uma quantia tão avultada!

Nohemia pela sua parte, offerece-se a sacrificar tudo quanto possue, com tal que se não descubra a infamia! De balde supplica ao padre que evite a nodoa que vae manchar uma familia inteira! A elle!... Mudo ás suas lagrimas; indifferente ás mãos que se estendem implorando a sua protecção, o padre vasculha nos penetraes do cerebro, fecundo de expedientes e em eterno exercicio, o meio infallivel de conduzir a sua victima ao altar do casamento!

Luiz Clemente será mais um desgraçado para elle envolver na teia mysteriosa dos seus crimes!.

4 de Agosto de 188.

Veio o commendador. D. Clementina concedeu-lhe a subida honra de se utilisar de um *cheque* de doze contos de réis, para o Banco de Portugal.

Luiz Clemente soffoca de legitimo orgulho! Transsuda-lhe o suor das grandes commoções, pelos poros da sua fronte macillenta!

Erguendo o olhar obliquo para um futuro de immorredouras alegrias, o ex-negreiro afia de antemão a sua veia concupiscente, antevendo os deliciosos transportes do seu enlace!

Ás duas horas da tarde, apresentou-se o corretor da letra, e sabendo da desgraça que acontecera a Alfredo, procurou o padre Manuel.

Este dirigiu-se com elle ao gabinete de D. Clementina, que sem mais demora lhe entregou o *cheque* inutilisando ali mesmo o terrivel corpo de delicto.

Ao despedirem-se, trocaram-se olhares de intelligencia entre o sabujo e o capellão. Seria este o que descontára a letra? Presumo que sim.

10 de Agosto de 188.

Alfredo está completamente restabelecido. Durante a doença, sua prima não o tem abandonado um instante.

Estranha e incomprehensivel organisação! Esta mulher, esta Messalina, insaciavel de desejos, incansavel de gosos, prostrou-se sobre o leito de Alfredo, e como a Magdalena ao Christo, limpa-lhe o suor da agonia com as tranças dos seus cabellos! Não satisfeita ainda, rasga em pedaços o coração, e atira com elle ao commendador!

Debalde as suas amigas escarnecem do seu comportamento; Nohemia não lhes responde. Hontem sua tia, insistiu com ella para que saisse; recusou. Alfredo, ainda que tarde, começa a comprehender toda a loucura do seu passado!

13 de Agosto de 188.

Está declarado o enlace! Será Alfredo um grande cynico ou um immenso martyr? Inclino-me para a primeira supposição!

Amanhã vão todos jantar a casa do commendador. Pelo local onde me deixaram, presumo que vou no pé de Nohemia.

O padre prepara-se para o combate gastronomico com todo o valor que lhe é proverbial.

Nohemia está de uma pallidez cadaverica! O amor que sentia pelo padre, ou era uma aberração de espirito, ou um castigo que Deus infligira ao seu coração! Ao vêl-o, os seus olhos fuzillam com uma expressão sobrenatural! As leôas devem odear assim!

14 de Agosto, 4 horas da tarde.

Passara feia noite de vigilia
Aquella, *triste e só*, entre a familia
Quando emfim de cansaço adormecia,
Já vinha entrando mansamente o dia
Por entre a flebil cassa das janellas,
A espreitar-lhe no leito as formas bellas,
Esculpturaes, divinas, desejosas;
Occultas sob as tellas vaporosas
De finissimo linho!
Adormecera
Caída a fronte sobre a mão de cera!

No labio de coral, madido e liso
Docê lhe váe, um tremulo sorriso!

Desperta, levantando a mão da fronte
E fixa o Christo que lhe está defronte!

Logo entre nuvens de cambraia assoma
De lactea côr, a palpitante poma!

Ergue a fronte serena e desmaiada
E sae do ninho seu, pomba cançada!

Na *bata* de setim flacida e leve
O corpo involve gracioso e breve!

Eis-te de novo a conchegar-me o seio,
Meu pesinho gentil!, meu doce enleio!

Sinto-te as veias a pulsarem, vamos
Falla comigo, estamos sós, estamos!

Sobre este movel de setim vermelho
Teu confidente, nosso amigo velho;

Iremos juntos recordando instantes
Doces, felizes, que já vão distantes!

. . . .

Quando Melampo derretido em mimo
Vinha cioso a arremetter com o primo?. . .

E quando o padre, detestando Alfredo
Te contemplava com um sorriso tredo?...

E logo a tia de ciumes louca
Do padre á cara, arremetia a touca!

Ai minha vida! que embrulhada aquella
Que furia a d'elle, e que delirio o d'ella!

Lembraste quando me calças-te um dia
Para sahirmos no coupé azul?
E que entre nuvens de cambraia e tul
Teu lindo rosto de prazer sorria?

Ao largo trote dos corceis dourados
Ao cheiro agreste da campina em flor!
Ao som divino dos cantores alados,
Ás doces notas de um primeiro amor?...

Lembraste quando ao collear a vinha,
Te debruçaste do postigo fora,
Por teres ouvido relinchar a Dora
A egua baia em que teu primo vinha?

E que os cavallos recuando o freio
Paravam *doces* ao mandado teu?...

Que arfar convulso te agitava o seio
Que ardor immenso me queimava o meu!

Mais tarde quando, silencioso e mudo,
No estreito ninho do *coupé* azul;
Por entre nuvens de cambraia e tul;
Em loucos beijos te beijava tudo?...

Ao largo trote dos corceis dourados
Ao cheiro agreste da campina em flor
Ao som divino dos cantores alados
Ás vivas notas de um violento amor!...

14 de Agosto, 9 horas da noite

Acabou-se o jantar; foi succolento e opiparo!
Tem gosto o amphitrião! Carneiros foram dois!
Encommendou no talho a cauda de tres bois
Para a sopa fazer á moda dos Bretões!
Á meza do jantar choveram iguarias;
Chegou até a haver, faisão!... faisões guisados
E depois de servir uns vinte e tres assados:
Foi salada a valer! e logo dois leitões
Com que ia arrebentando os pobres convidados!

Tem gosto o amphitrião! Tem gosto e tem dinheiro.
E quem dinheiro tem: em tudo é um portento;
E ou *dá* em titular, ou vae para S. Bento
Defender o paiz e bem depressa galga
Os degraos do poder! Se caza é com fidalga
Filha de quem esbanjou, nomes e patrimonio,
E que se vê por hi, levado do Demonio

Sem eira, sem amor, sem fé e sem familia
Sem castello feudal, sem lar e sem mobilia,
Errando como os cães fugindo á strychinina
Uivando pela rua, olhando a cada esquina!
Dormitando ao luar nos bancos do Rocio
Cheio de tradicções, e ainda mais de frio
Vendo passar por si, os grandes agiotas
Guiando os seus *landaus;* e elles sem terem botas!

Acabou-se o jantar.! Já não podia mais
O triste amphitrião! caiam-lhe em cristaes
As bagas de suor da fronte macillenta
Sobre a *penca,* fatal, enorme, virulenta
Ergueu-se, e dando o braço á pallida infeliz,
Sairam todos tres — dois noivos e um nariz!

E tu Alfredo podeste
Assistir a tudo, tudo,
Immovel, sereno mudo
Co' olhos fictos no chão?
Sentis-te a mão do destino
Porque eras pobre de libras
Rasgar-te sem dó as fibras
Do teu pobre coração?!

E nem um murmurio ao menos,
Nem um vislumbre de espanto!
Nem no olhar o amargo pranto
Nem um queixume de dôr?
Anda ahi *partida,* se anda
Dissemos co' os nossos laços
Na cadeia de teus braços
Ai! pobre commendador!

15 de Agosto de 188.

Hontem ao chegarmos de caza do commendador, Nohemia caiu n'uma prostração dolorosa!

Ainda que o seu caracter pareça despreoccupado, cynico muitas vezes, o que elle não póde supportar, é a mentira.

Se porventura Alfredo lhe houvesse fallado nos seus amores com o padre, Nohemia ter-lh'os-ia confessado.

Deu-se a Alfredo porque o amava, porque o suppoz digno do seu amor, porém, quando mâis tarde as circunstancias lhe provaram o quanto se illudira, o seu coração ferido pelo desengano, ergueu-se nos impetos de uma natureza selvagem, e odiando-o, tanto quanto o amara, julgou-se livre a seus proprios olhos, e entregou-se desassombradamente nos braços do padre, mais talvez por um pensamento de vingança, de que por um desejo carnal!

Á proporção que as suas relações se estreitavam com o sacerdote, o desbragamento e abandono de Alfredo iam-lhe cicatrisando as feridas que porventura ainda sangravam n'esse coração. Ao odio, succedeu-lhe a indifferença, a esta, o completo esquecimento, porém, quando mais tarde a desgraça o fulminou, quando o viu sobre o leito da morte, pobre, infeliz e deshonrado, então o seu coração pondo de parte todas as injurias entregou-se-lhe de novo, tão enormemente dedicado como nos primeiros dias em que lhe pertencêra, e abandonando tudo e todos, sentou-se-lhe á beira do leito, cuidando-o e amparando-o sob as azas protectoras do seu carinhoso affecto!

Ali, de olhos fechados, desenrolou-se-lhe a tela do seu passado, iriada pelas tintas da innocencia, e as vozes da sua infancia estremeceram como os ultimos sons de um orgão, perdendo-se no silencio de uma noite de primavera, á luz das estrellas, entre o rumorejar das arvores, e os murmurios dolentes das levadas.

Viu o solar da Beira com as suas torres vetustas, e o seu portico manuelino, cheio de laçarias e refendimentos de luxuoso cinzel. Pene-

trou nos jardins: sorriram-lhe as estatuas que circundavam o lago, o lago enorme, profundo, e terrivel aonde Alfredo estivera para morrer affogado. Ondeando nas tortuosidades da mata, perdeu-se entre os castanheiros seculares, e seguiu, seguiu até á extremidade. Subindo a encosta, avisinhou-se da ermida.

Lá estava, tal como a vira na infancia, alvejando por entre o verde-negro dos pinhaes, só, acoutada como uma pomba que se occulta.

Entrou. O mesmo crucifixo, aquelle a que sua mãe se ajoelhava, e a grande lampada de prata, e os quadros dos apostolos circundando as paredes da ermida. Viu tudo, até o vulto do reverendo padre Francisco, o bom, o santo capellão que a educara, como tambem a Alfredo e á sua irmã que perdera. Depois voltou ao palacio; subiu a enorme escada, as figuras biblicas dos azulejos, pareciam, destacando-se da parede, encorporarem-se para a seguir. Entrou na sala de docel guarnecida de telas de familia, graves, austeras, soberbas da sua distincção. Atravessou as salas enormes, sombrias, revestidas de respeitoso silencio, e subiu ao quarto onde sua mãe mor-

rêra. Descendo depois por uma escada interior, penetrou nos quartos ao rez do jardim; tudo estava como quando o deixara, até o cavallo de balouço que pertencêra a Alfredo, o causador tantas vezes dos seus arruffos, das suas brigas infantis. Viu a caza do jantar e a cadeira d'onde o padre Francisco se levantava ao terminar a refeição para proferir os louvores de graças, e sentiu os labios do ancião ungidos pelo balsamo da virtude, passarem-lhe pela fronte humedecida.

N'esse momento a sua alma, passou por todas as torturas do inferno. Comparando esse beijo doce e casto, aos mil que recebêra do padre Manoel, foi-lhe um agonisar de morte.

Então o amor que ella sentira extincto por seu primo renasceu das suas proprias cinzas, tão grande como jamais o houvera sentido!

E é n'este momento supremo, que a desgraçada, por um acto de nobre heroismo, se vae entregar a um homem que odeia!

Vae pobre martyr! Que os anjos do Ceu te entreteçam a corôa de espinhos que os homens te principiaram n'este mundo de ignominias!

18 de Agosto de 188.

Eram duas horas da noite quando Nohemia recolheu ao seu quarto.

Foi a primeira vez que a vi de joelhos defronte do oratorio!

Com os olhos fictos co crucifixo, pedia-lhe n'uma voz tremula e entrecortada pelos soluços o valor que lhe ia escasseando n'alma!

N'este momento abriu-se a porta e entrou Alfredo. Vinha desfigurado!

Accusa sua mãe e o padre, como os causadores de todas as suas desgraças?

Repugname esta fraqueza de caracter!

Ai do homem que não tem o valor das suas acções!

Foi uma noite de lagrimas!

Seria verdadeiro o seu pranto? Duvido-o. Alfredo é um canalha!

26 de Agosto de 188 .

Bem o pensava eu! Alfredo vive na mais estreita intimidade com o commendador.

Todos os planos de vingança que construira contra o padre, todos cairam em presença de um emprestimo que este lhe fez de trez contos e seis centos mil réis!

Com este dinheiro tem tido uma sorte prodigiosa! Hontem depois de um grande ganho á banca franceza, levou dois *montes á gloria* n'uma das primeiras partidas da baixa.

Debalde os jogadores se combinaram entre si para lhe *cortar* a sorte tudo foi inutil. Aonde punha ganhava. Nem pego, nem amarras foram capazes de interromper a caudallosa corrente de felicidade que o protegia.

O dinheiro dos malandrins é sempre abençoado para transacções illicitas!

28 de Agosto de 188 .

A sorte continúa a favorecel-o! Hontem ganhou ainda e muito!

Cerca-o una infinidade de *amigos* convidando-o para os jogos de *levante.*

Preparam-se-lhe ceias qual d'ellas a mais convidativa. Alfredo é o heroe das *partidas.*

Consta que, fugindo aos innumeros amigos, roubou nma franceza, virgem restaurada pela segunda vez, segundo a opinião de Pepe.

Houve escandalo no hotel onde habitavam; e a mãe queixou-se á policia!

Apesar d'isso, vae com ella ao theatro e ceia todas as noites nos restaurants.

Nohemia sabe tudo! A pobre definha-se, vergando os hombros ao peso da sua dôr.

Que fizeste d'essas lagrimas miseravel? vaes enxugal-as em Cintra, á sombra dos castanhaes, entre os beijos da filha da conserveira?!

2 de Setembro de 188.

Hoje assignaram-se as escripturas.

Nohemia está mais animada. O roubo da franceza, esse ultimo insulto, foi-lhe como um corrosivo ás feridas do seu coração.

O filho de Villa Gateira, exulta nos deliciosos transportes de uma alegria interminavel!

Para completar a sua felicidade só lhe falta um titulo, e esse, espera obtêl-o em breve. Alfredo já lh'o prometteu, a troco de seis contos de réis.

Não sae do palacio. Embebecido na contemplação de Nohemia, Luiz Clemente não tem vontade propria.

Alfredo domina-o completamente, e quer tornal-o um homem do mundo para o que lhe encontra grande disposição.

Hontem comprou-lhe por duzentas libras um cavallo marroquino *pur sang*, vae mandal-o ensi-

nar em alta escola, para que o commendador o possa montar.

Porque caminho irás para a eternidade? O Cabil, esse filho do deserto que Alfredo escolheu para teu serviço, será o legendario cavallo da morte?

28 de Setembro

Completou-se a felicidade de Luiz Clemente: foi agraciado com o titulo de visconde de Valle de Lyrios.

Pepe teve uma gratificação de trezentos mil réis quando lhe levou o *Diario do Governo* onde vinha a nomeação.

Nos braços do andaluz Georgino exulta de alegria sonhando toilettes phantasiosas para estrear no dia do casamento!

A sorte que favorecêra Alfredo durante alguns dias, mudou completamente, levando-o a prejuizos enormes! Insiste ainda na desforra fiado no bolso do visconde que se lhe abre constantemente replecto de letras e reconhecimento.

Melampo com a cabecinha no ar, fareja os acontecimentos, olhando de vez em quando para sua dona com um gesto de saudosas recordações.

2 de Outubro de 188.

Consummou-se o tráfego! Hoje, ás onze horas da manhã, na freguezia dos Martyres, Luiz Clemente, o cachopo de Villa Gateira, ligou-se com Nohemia, a neta dos Marquezes de ... pelos sacratissimos laços do matrimonio.

O casamento foi estridulo! Nobreza; altos funccionarios do estado; corpo do commercio e jornalismo, tudo se precepitou a commemorar a ceremonia; todos se inclinavam tecendo emboras, aos felizes conjuges: os viscondes de Valles de Lyrios!

O Carvalho Ratado d'uma janella do Hotel Club, descrevia a festa no elevado estylo que lhe é peculiar, assentando ao mesmo tempo o nome dos concorrentes.

O cocheiro do ultimo trem que conduzira um jornalista, voltou-se para o freguez, dizendo-lhe

com essa sem-cerimonia que caracterisa o nosso faia: «Sabe quem é este visconde de Valle de Lyrios? É um primo meu.

Ha trinta e tantos annos que se *xalou* d'aqui para os *Brasis*. Agora está como se vê. O mesmo houvesse eu feito, accrescentou elle, saltando sobre a almofada e rodando ao trote de suas pilecas.

3 de Outubro de 188 .

Hontem, depois de um soberbo *lunch* os noivos partiram para Cintra.

Melampo, junto de mim, estende a cabecinha, inclinando-a sobre o meu companheiro.

O quarto de Nohemia está em completa desordem. Os moveis revestem-se de um aspecto sombrio.

Aquella ottomana, ninho de tantas e tão doces recordações semelha agora um esquife. O sol de outomno, de um amarello desvanecido, fere os cortinados, reflectindo-se merencoriamente nas phisionomias graves e austeras que circundam o aposento.

Abre-se a porta e entra Georgina.

Vem alegre, *cantarolando* uma aria dos Sinos de Corneville. Melampo levanta-se acariando-a. A moça retribue-lhe com um pontapé, que co-

hendo-me atira comigo para debaixo da ottomana.

Ainda assim vejo tudo e tudo contarei para a vergonha das criadas honestas.

Georgina é uma ladra! Não satisfeita com os innumeros presentes que recebe de Nohemia, rouba-a, aberta e descaradamente!

Pegando n'um molho de chaves que estão sobre um pequeno movel de pau setim, principia a abrir as gavetas, desarrumando-as e atirando para o sobrado com os vestidos e as roupas brancas. Escolhe o que melhor lhe convem, e colloca-o sobre a ottomana. Logo, pegando n'um lençol de Bretanha, enrola os despojos, approxima-se da porta e entrega-os a alguem. Essa pessoa occulta-se, mas é forçosamente Pepe, o andaluz!

A porta fecha-se de novo, e Georgina continua nas suas pesquisas, cantando n'uma voz mais baixa ainda, uma dolora de Campoamor. Approxima-se de um *ver d'eau* toma um copo de agua de flor de laranja, e limpa os beiços a um lenço de *baptiste* que pertence a Nohemia.

Em seguida, colloca-se defronte do espelho,

destrança os cabellos, e revê-se satisfeita na sua picante formosura. Abrindo um pequeno coffre que está sobre o toucador, tira de dentro um collar de perolas e colloca-o no pescoço. Está formosa, explendidamente formosa! Revê-se cheia de orgulho. Recúa, recúa mais, para melhor se reflectir na grande lamina do toucador. Excitada pela contemplação de si mesmo, rasga o corpete do vestido e espelha no vidro, os seios nús, brancos e palpitantes. Abre outra vez o coffre e collêa ao pescoço um outro adereço. Este é de saphiras, com uma grande cruz de brilhantes.

Louca, como embriagada pelo fulgor das joias, abre de novo o coffre, cinge de pulseiras os braços alvos e admiravelmente modelados, e em pouco, os seus dedos, finos e aristocraticos desapparecem em myriades de diamantes!

Tenta-a, cega-a o brilho de tanta riqueza! a rapina apodera-se-lhe dos instinctos e occulta no seio algumas joias de Nohemia, depois arranca os adereços do pescoço, devolve-os ao cofre, fecha-o, e febricitante de commoções, atira-se sem consciencia de vida sobre a ottomana!

N'este momento, entram D. Clementina e o padre Manuel.

A fidalga indica-lhe n'um gesto que se retire.

Georgina receiosa, como todos os delinquentes, empallidece de susto e sae sem proferir uma palavra.

O padre e a fidalga, sentam-se sobre a ottomana. Fallam baixo, tão baixo, que se lhes não entende uma palavra. Levantam-se depois, e abrindo a secretaria de Nohemia, revolvem-lhe os papeis. Pela expressão de colera, reconhece-se não terem encontrado o que buscam.

Segredam ainda algumas palavras e estiram-se sobre o movel mudos e silenciosos.

....

....

Momentos depois, cortando a mudez d'aquelle aposento, ouve-se apenas o ranger das molas e o respirar convulso e offegante do padre, confundindo-se com uns suspiros vagos e imperceptiveis, desprendidos por D. Clementina.

Começavam a fruir os encantos da liberdade!

20 de Outubro 188.

Os noivos chegaram hoje de Cintra, ás dez horas da manhã.

O visconde rejuvenesceu á custa da sua esposa! Foi uma transfusão do sangue de Nohemia cheio de vida e mocidade, para as veias de Luiz Clemente!

Vê-se que a infeliz já não pode resistir a tantas commoções.

Ao apearem-se, o padre tentou abraçar Nohemia. Esta repelliu-o com grave assombro do visconde.

Alfredo ainda não tinha recolhido.

8 de Novembro de 185.

O visconde está completamente dominado por Alfredo. Já tomou por *conta* uma dançarina de S. Carlos, chamada Olivia!

Encarregando o fidalgo de lhe procurar um palacio condigno aos seus merecimentos, entregou-lhe quantias fabalosas para proceder á ornamentação.

Os proprietarios dos bazares, exultam de alegria, mancommunando-se para o grande dia da *espiga!*

Ai pobre visconde, entre o Cabil e Olivia, qual d'esses precipicios te concederá o destino para escorregares á eternidade?!

12 de Novembro

São duas horas da noite. O visconde não recolheu ainda! Nohemia está sentada n'uma poltrona defronte da secretaria. Escreve; supponho ser um diario. Melampo sobre o tapete com a gentil cabeça reclinada entre as mãos, olha tristemente para sua dona, compartilhando a tristeza que a domina.

O quarto está n'um silencio profundo, interrompido apenas pelo ruido que produz a pena, correndo vertiginosamente sobre o papel inglez. N'isto abre-se estrepitosamente a porta e apparece o visconde; vem bebado. Segue-o Alfredo, bebado tambem, e amparando-o pelas espaduas. Nohemia levanta-se, e occultando

sob uns jornaes o livro onde escrevia, contempla-o com um gesto, mixto de odio e compaixão.

Seu marido não falla. Com um olhar turvo e bestial, ora se dirige para Nohemia ora para seu primo, que parece dominal-o com o fluido poderoso dos seus olhos grandes e attrahentes!

Luiz Clemente não tem consciencia nem acção. Completamente subjugado pela vontade de Alfredo, é um automato que se move consoante o impulso que d'elle recebe. Nohemia comprehende tudo, e lamenta seu marido. Alfredo compraz-se em lh'o evidenciar, e a tal ponto leva a sua barbarie que n'um gesto, ordena-lhe que se approxime da viscondessa. Esta recúa horrorisada, fulminando seu primo com um olhar terrivel!

Alfredo sorri-lhe n'um gesto de profunda indifferença, e pegando no visconde por debaixo dos braços atira com elle sobre a ottomana!

O desgraçado fica de costas, com a cabeça inclinada para o chão, os braços abertos e os olhos fixos e immoveis.

Os cabellos empapados de suor, misturam-se com as barbas humedecidas por uma espuma

branca que lhe vem á flôr dos labios, roxos e de uma cor apopletica.

Suppondo-o morto, Nohemia soberba de colera e indignação, arremeça-se ao cordel da campainha e principia a tocal-a despropositadamente.

A embriaguez de Alfredo parece desvanecer-se-lhe, e dirige-se para Nohemia que o repelle n'um olhar de merecida colera.

Entretanto, abre-se a porta, e apparecem D. Clementina, o mordomo e Georgina.

Nohemia indica-lhe n'um gesto o estado de seu marido.

Approximam-se todos do visconde a quem julgam irremediavelmente perdido. Pouco tempo depois entrou o padre Manuel.

Vem de barrete de algodão branco, e veste uma quinzena de mescla abotoada pelo ultimo botão que lhe resta: o da cintura. Traz a descoberto o peito ancho, nervoso, e fartamente cabelludo, veste umas ceroulas de malha, denunciando-lhe umas pernas admiravelmente construidas. Calça uns sapatos de ourêllo; o pé esquerdo traz piuga de algodão azul, o direito, vem nú dentro do chinello.

Chega ao meio do quarto e contempla n'uma indifferença profunda o que se passa em torno d'elle; depois, como levado por simples curiosidade, approxima-se da ottomana e fixa n'um olhar observador o rosto do visconde.

Este continua na mesma immobilidade com a cabeça inclinada no colo de sua esposa, que, de quando em quando lhe limpa as bagas de suor com um lenço de cambraia onde ha pouco enxugára as suas lagrimas.

No entretanto entra o Dr. Negrão, o medico de casa, que vive a dois passos de distancia do palacio.

Dirige-se ao doente, observa-o e declara-o sem perigo, attribuindo a prostração do enfermo ao effeitos do alcool.

Depois de lhe receitar um calmante, retira-se.

Saém todos exceptuando o padre Manuel, que se offerece a velar o embriagado, segundo a sua phrase!

Nohemia, estendendo a mão, indica-lhe a porta para sahir!

—*Amplius, amplius, Domine!* murmura o padre Manuel com a frente inclinada para o ta-

pete e erguendo obliquamente o olho esquerdo na direcção da ottomana, onde a perna de Nohemia traçada sobre o joelho esquerdo, deixava admirar a belleza da outra perna, envolta em uma meia de seda côr de rosa, e o pé lubricamente calçado n'um sapatinho de setim preto bordado a missanga, que me enraivava de ciume!

20 de Novembro de 188.

Não comprehendo esta mulher! quanto carinho um coração póde outorgar, todo Nohemia concede a seu marido!

Ter-lhe-ha revellado as peripecias da sua vida? Será este sentimento, o resultado de uma eterna gratidão?

Estremece-o, cuida-o como a um pae, e muitas vezes, parece amal-o como esposa. Defende-o contra a perigosa convivencia de Alfredo, como se fôra uma creança a quem receamos que se perverta.

Os seus desejos são retirar-se de Lisboa e ir com seu marido viver para o Minho. Debalde lh'o supplica; tudo é inutil. Não admitte que o

seu astro vá brilhar para um ceu de provincia, quere-o na côrte, empanando o brilho das

Nayades gentis, que o Tejo banha—

Comprar o palacio de algum satrapa arruinado, residencia inscripta na Resenha dos Titulares e derrubando-lhe as paredes, construir sobre os seus alicerces um edificio que assombre; e elle, de pé, entre um exercito de operarios, de mãos nas algibeiras, fazendo tinir as libras, e sentindo aos golpes do camartello, cair-lhe aos pés, feito pedaços, o brasão de armas que lhe ennobrecia o portico.

Em seguida á compra do palacio, o filho da Maria da Azinhaga, obteria do mesmo fidalgo a sua caza de campo, e os panos de Arrás, e os quadros de familia, e a baixella brazonada, e os contadores, e os buffetes e a louça do japão, firmada, e o trem de galla, cujo jogo seria approveitado para a carroça das compras.

Eis os desejos do visconde! Desejos irrealisaveis graças á profunda tristeza em que recaiu sua esposa!

7 de Dezembro de 188.

A existencia brilhante e ruidosa regeitada por Nohemia, disfructa-a Olivia, a dançarina que por mezes se conservou em Lisboa, desapercebida da grande roda, vivendo em quarto particular, para as bandas do bairro alto.

Olivia tem vinte e dois annos. Se não assombra pela formosura: fere pela elegancia. Menos intelligente do que astuta, tem comtudo um terrivel condão: sabe dominar.

Roubada muito em creança, por um conde napolitano, viveu com elle durante tres annos. aproveitando com fino criterio tudo quanto podia colher na convivencia de um homem superior, como era o seu amante.

Ao cabo de tres annos de viagens consecutivas, estacionaram em Cadiz. Ali, o conde aborrecido da Europa, e mais ainda da sua amante, pagou-lhe generosamente os momentos de prazer que lhe disfructou, e partiu para a America, em busca de novas conquistas

Com a mala replecta de joias e notas do Banco de Cadiz, Olivia seguiu para Madrid, onde se apaixonou por um matador de espada, que lhe prometteu casamento.

Mezes depeis, contractaram uma *quadrilla*, e tornaram-se emprezarios das praças da estremadura hespanhola. A desgraça perseguio-os; ao cabo de um anno *El niño* havia despejado até ao ultimo *ochavo* a bem recheada bolsa da venezeana.

Em Jerez de los Caballeros, *El niño* vingou-se das affrontas do destino, *cochillando* o ventre de um pacifico vendedor de *bonuellos!*

Preso *El niño,* e Olivia sem protecção, saiu de Jerez com uma companhia de saltimbancos. Mezes depois, ao chegarem a Badajoz por occasião de uma tourada, encontrou-se com varios portuguezes, rapazes de bom gosto e avultados patri-

monios. Farejando n'um d'elles, o alvo das suas ambições, entregou-se-lhe nos braços e abandonando ao dia seguinte o emprezario, seguiu com o Cresus para Lisboa, em carruagem de segunda classe.

Ao dia seguinte, desappareceu uma salva de prata em casa da mãe do raptor de Olivia! Com o producto da peça, alugava-lhe um quarto aos mezes, na rua dos Calafates, tendo o prévio cuidado de pagar adiantados trinta jantares de duzentos réis, sem prever que estava no mez de julho, com trinta e um dias!

Venturosa foi a existencia de Olivia nos braços do luzitano!

Os dias succediam-se, sem que uma nuvem de desgosto viesse perturbar o iris da sua ventura, mas ao chegar o ultimo do mez, como as salvas escasseassem em casa de sua mãe, o desgraçado conformou-se com o destino, e abandonando Olivia foi esquecer amores desventurados em propriedade rustica, que um primo seu, administrava para as bandas de Vallada.

Só, entre as quatro paredes do seu quarto, Olivia, a quem a fome principiava a atormentar,

abriu-se com a dona da casa, pessoa grave e profundamente instruida em negocios de amor, e sem mais delonga, abraçou a carreira auspiciosamente começada, graças á sã direcção da sua hospedeira.

Mezes depois entrava em S. Carlos como coriphêa.

Foi por esse tempo, que Alfredo a apresentou ao visconde.

Este acceitou-a e recolheu-a, como se recolhe um cavallo de raça, em luxuosa estrebaria.

Abrindo-lhe a farta e bem recheada bolsa, acquiesceu a todos os caprichos da sua amante, impondo-lhe apenas a condição de cegar com o brilho das suas loucuras, os olhos invejosos, que porventura se levantassem no seu caminho!

Comtanto que o seu nome corresse de bocca em bocca, como o do primeiro homem de gosto, o visconde não desceria a regatear capitaes.

Não podia bater a melhor porta! Tudo quanto a imaginação pode conceber de mais phantasioso, tudo se encontrava no sumptuosissimo viver d'essa creatura!

Olivia tornou-se a mulher da moda. O viscon-

de ensoberbecia-se ao ouvir os continuados encomios que lhe dirigiam do seu fino e requintado bom gosto, chegando a convencer-se que tudo partia, d'elle e só d'elle.

O visconde, ou antes Olivia, recebia duas vezes por semana. Os domingos eram os dias escolhidos para o jantar, para a ceia, as quintas feiras. Estas eram ainda mais estrondosas do que os primeiros!

Tudo quanto a cosinha italiana possuia de mais custoso e delicado tudo se encontrava n'essas *ceias* digna de Lucullcos!

O estomago do visconde affeito a uma dieta rigorosa caminhava a largos passos para uma dipepsia flatulenta. Era muito de ver-se como o desgraçado desapertava o collete, preparando-se para os ataques gastronomicos que lhe ameaçavam saude e existencia!

Caza de jantar, disposição dos moveis em carvalho do norte guarnecidos da mais primorosa talha, effeitos de luz partindo das antiquissimas serpentinas de exquisitos lavores, tudo fôra habilmente dirigido e combinado por Olivia, sem jámais protestar contra os elogios que constan-

temente dirigiam ao visconde pelo seu inexgotavel bom gosto.

O visconde, que em Luiz Clemente detestava o Cartaxo e todo quanto vinho havia na mercearia de Rosa da Silva, não excluindo o abafado, misturava agora de todos os vinhos, despejando copo atraz de copo, acccmpanhando os *Evohés* e repetindo-os com vóz guttural e soffocada.

Ai pobre Luiz Clemente! será no escorregar d'esses saturnaés, que o teu bemdito corpo, descerá ao jazigo dos marquezes de*** sem que uma lagrima de saudade humedeça a placa do teu caixão!

12 de Dezembro de 188.

Cumpriram-se as minhas prophecias. Hoje, ás tres horas da madrugada, o visconde apeou-se do trem, amparado por dois amigos. Vem sem consciencia de vida. Alfredo, muito ebrio, segue o prestito, fixando a sua obra n'um olhar estupido e cruel.

Houve uma ceia em casa de Olivia. Ao findar a saturnal, o visconde querendo mostrar os seus recursos de bebedor, propoz um *punch* monstro, bebido no salão vermelho, ao que todos accederam, accrescentando que, para mais realçar os encantos da festa, se vestissem com trajes de phantasia. A proposta foi abraçada com delirio, e cada qual dando soltas á imaginação, phantasiou o traje que melhor lhe convinha. As mulheres, re-

correndo ao guarda-roupa de Olivia, envolveram-se em chailes de lã de camello, simulando tunicas romanas; os homens, uns em cobertas, outros em lençóes, com as pernas e os braços nús, e as cabeças cingidas de corôas, outr'ora alcançadas pela dançarina, nas repetidas noites dos seus triumphos.

O visconde com uma colxa de setim vermelho traçada em forma de manto, sustinha na cabeça uma corôa de louro. Alfredo sempre intransigente e desharmonico, vestira-se com um traje de *guardia civil*, que a veneziana trouxera por engano entre os fatos do seu guarda roupa.

Retirando-se todos os moveis que guarneciam o salão, e deixando aos quatro angulos umas columnas que sustentavam umas estatuas, collocaram-lhe sobre os capiteis, enormes bacias de prata, cheias de *cognac*, a que lançaram fogo.

Alluminado o quarto, á luz baça e crepitante do alcool, começaram a cuidar na predesposição das figuras.

Ao fundo, sobre um enorme *buffete*, duas poltronas forradas de veludo vermelho esperavam os amphitriões: o visconde e Olivia.

Esta vestira-se esplendorosamente. Uma tunica de veludo bordada a ouro fino, com um *peplum* de veludo tambem bordado a ouro, occultava-lhe as suas formas patricias, o rosto ia occulto por um comprido *flammeum*.

O visconde com o olho espantadiço pelos effeitos do alcool, olhava-a obliquamente, equilibrando-se a custo, e levando de vez em quando a mão á fronte para suster a corôa que lhe estremecia.

Era muito de vêr-se, essas figuras phantasticas, a agitarem-se como n'uma dança infernal, á luz tremula e indecisa de um oceano de *cognac* ardendo em chammas azuladas, e reflectindo-se nos pingentes de cristal, dos enormes e antigos lustres.

O visconde movia-se como um *fantoche* a que Alfredo puchava os cordeis.

Olivia arregaçando a cauda subiu sobre o *buffete*, e sentando-se na poltrona destapou o rosto da *flammeum*, e fixou os convivas, que a saudaram em repetidos *evohés!* ao som de umas palmas prolongadas e estrepitosas.

Alfredo pegando quasi ao collo no visconde

atirou-o aos braços de Olivia, que o recebeu, estatelando-o sobre a poltrona!

Pouco depois, ao centro da casa sobre um tamboril da India, ardia um *punch* collossal, despedindo as suas chammas de dentro de um precioso tanque do Japão.

Empunhando as taças replectas do escandecento liquido, os convidados passaram em grotescos requebros por diante dos amphitriões, saudando-os em altos e repetidos *hurrahs!*

O visconde fictava aquella scena memphistophelica com um olhar melancholicamente estupido!

Alfredo, optando para que os amphitriões descessem d'aquelle throno simulado, approximou-se de Olivia e offereceu-lhe a mão para descer de sobre o *buffete.*

Erguendo-se ao impulso de um exforço supremo, Luiz Clemente desceu tambem, e escorregando no improvisado manto, veio cair, aos pés de Olivia.

Então o delirio tocou a meta da loucura. Cercado, por dez ou doze mulheres, ebrias e seminuas, o visconde empunhando um enorme assu-

careiro de prata, que a Alfredo servira de taça, arremetteu com o chammejante lago, e enchendo-o de liquido, levou-o aos labios despejando-o em dois tragos.

Caiu redondamente sobre o tapete!

Foi n'aquelle estado que d'ali o trouxeram em braços, para o quarto de sua esposa.

Ás cinco horas da manhã, saiu da alcova o dr. Negrão declarando-o em grave risco de vida!

E para isto, e só para isto, abusaste da confiança de D. Rosa da Silva. Estupido!

14 de Dezembro de 188.

O visconde está irremediavelmente perdido!

Padre Manuel e D. Clementina, querem á viva força entrar nos aposentos do visconde, para lhe lembrarem que faça testamento.

Nohemia indignada, recusa-se a que estes lhe fallem.

Hoje, foi Alfredo quem a acconselhou. Teve o mesmo resultado.

Está calculada em trezentos contos de réis a sua riqueza, fóra as propriedades que ultimamente comprou em Cintra, e que tencionava offerecer a Nohemia.

Esta, deslembrada dos bens de seu marido, mira apenas o salval-o. Sem o abandonar um momento, busca todas os meios que tem ao seu

alcance, para lhe alliviar os terriveis soffrimentos porque está passando o visconde.

O infeliz não toma remedio algum que não venha da mão de sua esposa, ou de Georgina.

Esta já foi subornada por Alfredo e pelo padre, para lhe fallar em testamento: apesar da sua baixa condição, Georgina não annuiu.

O visconde conhece o terrivel estado em que se encontra:

Que Deus lhe perdoe!

17 de Dezembro de 188.

Estamos sobre aquella ottomana vermelha ao lado de Melampo.

Ha cinco noites que Nohemia se não despe. Dorme minutos apenas, encostada ao leito do visconde.

A inchação do pé obrigou-a a descalçar-me. Esta madrugada, Luiz Clemente com uma vóz de moribundo, implorava-lhe que se approximasse. Arrependido, estendia-lhe os braços em volta do pescoço e pedia-lhe o seu perdão. Em seguida obrigou Nohemia a que chamasse D. Clementina, Alfredo, o padre e todos de casa para se despedir d'elles.

Nohemia não o contrariou.

Pouco depois encheu-se o quarto de gente.

Todos queriam fazer-se lembrados, aguardando o testamento.

Exceptuando Nohemia, olhavam-se reciprocamente, espantados da indecisão do enfermo.

Este finalmente, despertando como de um lethargo, indicou ao padre que se approximasse. Fallaram baixo por alguns instantes, e em seguida o capellão retirou-se, não sem olhar com significativa intenção para a fidalga.

Uma hora depois, entrava o padre com o tabelião e um escrevente.

O Visconde do Valle de Lirios legava todos os seus bens a Nohemia, exceptuando um chicote com castão de oiro que deixava a Alfredo, como uma recordação de amisade!

Haveria intenção n'esta offerta? Se a houve, seria a primeira acção de espirito que praticára durante a sua longa vida!

A consternação foi geral; o olhar odiento que todos lançaram contra o moribundo, foi o melho passaporte que poderia obter para entrar no reino dos Ceus!

Uma hora depois, o visconde entregava a alma a Deus, se é que o Diabo lh'a não empolgou.

A estas horas D. Rosa da Silva, atormenta-o com perguntas, sobre a proveniencia d'essas quarenta e duas moedas, encontradas no esconderijo da arca, no seu repartimento do armazem.

Desgraçado! Talvez dançando ao latego do senhor de engenho, os filhos que abandonas te na America, vão entre o suor do trabalho tecendo hossanas pela tua alma!

28 de Dezembro de 188.

Entrava o dia pela fenda das janellas quando Nohemia largou o livro onde escrevia.

Eram as suas memorias.

Ha n'essas paginas risos que ferem e lagrimas que contristam, meiguices de anjo e ironias de demonio.

Nohemia é uma creatura incomprehensivel.

O seu coração abre-se ás vezes á desgraça, espalhando joias de piedade, outras retraé-se, encarando-a com um sorriso frio e cruel! N'esta mulher não ha estabilidade de caracter!

Mixto do bem e do mal, qual d'elles predomina no seu mysterioso organismo, ainda ninguem descobriu!

Não posso eximir-me a deixar entre as minhas

paginas, algumas folhas que subtrahi ao seu «diario»

Se alguem editar estas memorias desejo ardentemente que vão accompanhadas dos fragmentos d'aquelle livro.

Como se vê pela numeração, faltam-lhe muitas paginas. Seriam as mais importantes?

DIARIO DE NOHEMIA

Cintra 2 de Junho de 188:

Se o amor é uma emanação divina, começo a descrêr da divindade!

Ou Deus é injusto, ou o homem não foi feito á sua semelhança!

De que serves luz? O que vales intelligencia? Ambicionar-mos eternamente o impossivel?... Estender os braços para o vago, o impalpavel?

Toda a minha desventura provém das minhas loucas ambições! O que eu desejava, era um impossivel! pedi-o á sociedade e esta repelliu-me; roguei-o a Deus e Deus abandonou-me!

Nasci estendendo os braços para o bem, e só encontrei o vacuo. Tive medo da minha solidão, e chorei. Invocando as sombras de meus paes, as sepulturas não se abriram para m'as devolver. Medrosa, abriguei-me no seio de minha tia. Os seus olhos repelliam os meus; os seus labios tinham a frialdade do marmore; os seus braços as

oscillações das serpentes: estreitavam arrefecendo-me!

Abri o grande livro da vida: cada capitulo um desengano! O bem retribuido com a ingratidão, a verdade esmagada pela injustiça.

Assustada, acolhi-me no seio de um padre, e pedi-lhe que me sarasse as feridas da minha alma com o divino balsamo da religião. O padre sorriu-se e chamou-me formosa entre as formosas!

Cintra, 13 de junho de 188.

Se isto que eu sinto na minha alma fosse amor?... E para que? Haverá algum coração que me mereça? Summe-te visão imbaídora! vôa avesinha imprevidente: não venhas pousar sobre este tecto, onde a duvida e a tristeza fizeram a sua paragem!

Alfredo é um caracter voluvel e inconstante. O que n'elle podia haver de bom, estragou-o a terrivel educação que lhe deu minha tia! Meu primo é egoista de mais para que possa amar alguem!

Cintra, 21 de Junho de 188.

Sinto-me outra mulher! que estranha mudança se operou no meu espirito! Preenche-se o vacuo que tinha na minha alma! Diz-me o coração que vou ser feliz, muito feliz! Como eu fui ingrata para com a providencia! Bem diz S. João Chrisostomo: «é defeito e torpeza não saber amar« Perdoae-me senhor, perdoae-me este terrivel descrer.

Alfredo ama-me! Hontem, na varzea de Collares, quando o padre Manuel apontando para o filho do marquez de*** o indicou a minha tia, como um cazamento muito favoravel, os olhos de Alfredo, despediam raios de odio.

Ai como tu estavas soberbo na tua colera! Como eu senti n'esse supremo momento o meu coração a voar para os teus braços meu companheiro de infancia, meu irmão, meu amor da minha alma!

Cintra, 2 de Julho de 188.

Pressinto que a minha felicidade estará por poucas horas!

Minha tia comprehendeu que nos amavamos, e deseja retirar-me de Alfredo á viva força! Hontem, aconselhou-o a que fosse passar este outono a Paris. O padre estava da sua opinião, acrescentando que Lisboa este anno, estaria pobrissima de distracções.

Que mal fariamos a estas duas creaturas para nos sacrificar por esta fórma?

Cintra, 16 de Agosto de 18..

Fez-se luz no meu espirito! Agora, comprehendo tudo. Minha tia, ama o padre Manuel e tem ciumes de mim.

E eu que tive a ingenuidade de suppôr outro, o motivo da sua colera!

Quando o anno passado em Setecais, Mathilde me fallou n'esses amores, fiquei de mal com ella. Louca! Pedir-te-hei perdão, minha verdadeira, minha boa amiga!

Cintra, 26 de Agosto de 188.[1]

Minha Mathilde

Pelo muito que tenho soffrido, perdoa-me a injustiça com que te feri, duvidando do teu bom e leal caracter. Ha factos tão assombrosos que difficilmente são acceites por uma rasão esclarecida.

Quando tu o anno passado lastimavas o meu futuro, terrivelmente ameaçado pela administração que sobre os meus bens exerciam o padre Manuel e a minha tia, como não sou mulher que me preoccupe por questões de dinheiro, pouca ou nenhuma importancia te prestei, porém, quando me fallaste nos amores d'ella com o padre,

[1] Entre as paginas do Diario a Nohemia, apparecem estas,—creio serem copias das cartas escriptas a alguma das suas amigas.

então, Mathilde, só vi em ti uma inimiga terrivel e cruel da nossa familia.

Fui injusta! muito injusta! confesso-t'o.

Se o verdadeiro arrependimento dá direito ao perdão, ninguem o merece mais do que a tua pobre e inconsolavel amiga.

Hontem estavamos nos Pisões, eu, minha tia e o padre Manuel. Esperavamos o Alfredo que tinha ido a Collares em companhia de teus primos. Escurecia. Eu e o padre, caminhavamos a alguns passos de distancia. Passára a manhã terrivelmente indisposta. O vento da serra, descia frio e penetrante. Começava a nevar. A carruagem esperava-nos a grande distancia. Eu cada vez me sentia mais encommodada pelo frio. O padre tirou a capa e collocou-a sobre os meus hombros. Nada mais natural. Pois minha boa Mathilde, se visses como minha tia se approximou de mim, arrancando-me a capa de sobre os hombros! Os olhos brilhavam-lhe ameaçadores. Com os labios cerrados e as mãos tremulas e convulsas, abeirou-se mais de mim, e agarrando-me por um braço, sacudiu-me a ponto tal, que julguei que me despedaçava. O padre

ficou transtornado pela colera! O seu olhar fuzilava como o de um tigre, erecto, terrivel, ameaçador, encaminhou-se lentamente para minha tia, que recuava assustada, á proporção que o via mais de perto.

Para nossa felicidade, o galope de alguns cavallos veio salvar-nos d'esse terrivel lance, percursor talvez da tempestade que tendia a levantar-se. Bem depressa appareceu Alfredo, acompanhado por teu primo.

Conforme pude, occultei as lagrimas que me caíam em abundancia, e pedi a Alfredo que se apeasse para me dar o braço e conduzir-me até á carruagem.

Que fazer, minha boa Mathilde? poderei eu continuar a viver em companhia d'esta senhora, a quem, apesar de tudo, tenho amisade e não posso respeitar? Ella, a irmã de meu pae! É o que a mim mesma pergunto!

Cintra, 28 de Agosto de 188.

Minha querida Mathilde

Recebi a tua carta. Que bem me fizeram essas palavras boas e consoladoras! sobretudo as ultimas: «espera-me breve.» Vem, vem minha boa amiga; que bem depressa sinta bater de encontro ao meu coração esse que tão meu ha sido!

Hesitas em acreditares que ame Alfredo?

Pois não hesites, amo-o com toda a força da minha alma e abençoado elle seja por ter accordado este coração que eu suppunha inutil!

Não demores a tua vinda; estou anciosa por te abraçar. Que longas confidencias! que recordar de saudades! com que deliciosas flôres tecerémos o *bouquet* das nossas illusões! E elle, Alfredo, ha de vir indiscretamente perturbar o nosso arrulho, e nós teremos de fugir para entre estes pinhaes, como duas gazellas assustadas.

Adeus, minha boa Mathilde accceita um abraço da tua *Nohemia.*

Cintra, 4 de Setembro de 188.

Estremeço de alegria! Hontem á noite entrei no quarto de Alfredo. Estava escrevendo. Tive ciumes, precipitei-me sobre o papel. Que doce surpreza! Esta poesia que se segue tinha por titulo o meu nome!

Como hoje estou arrependida em o ter interrompido! Para se vingar da minha injusta desconfiança, castiga-me não a terminando. Para que fui eu má?

NOHEMIA

Salvaste-me, bem vês, da desventura,
Não me resta, sequer, uma lembrança.
Ai! no ramo da paz leio a esperança
Minha pomba, meu bem, minha ventura!

A vida para mim, renasce agora,
Desejára esquecer quanto vivi,
Quem podesse viver hoje por ti
Sem que jámais vivido houvesse outr'ora!

E o mundo vae zombar, deixal-o, zomba
Qem a dôr conheceu té ás raizes?
Não vivo para o mundo dos felizes,
Existo para ti, candida pomba!

Sem amparo na vida e sem conforto
Do destino fatal tocára a meta.
Poeta, quiz luctar, estava morto.
Homem, tentei descrêr—era poeta!

Pensei na cerração da minha vida,
Uma vez deparar com a luz que salvá,
Mas via-a como apoz 'a desabrida,
Noite infesta se vê a estrella d'alva;

Quando a febre da orgia e da loucura
Nos desmaia, nos pesa e nos ensombra
E seguimos á luz da desventura,
Tropeçando, a tremer da propria sombra.

Busquei uma mulher, todas fugiram!
Seu amor lhes pedi, todas zombaram!
Meu ouro lhes mostrei, todas sorriram!
A seus pés o depuz, todas voltaram!

Cintra, 6 de Setembro de 188.

Tudo me sorri! E quem assim é tão feliz, não lhe pode caber no coração um sentimento que não seja muito bom e muito nobre!

É impossivel que esse Deus que tão venturosa me tornou, haja inspirado semelhante amor no coração de minha tia!

Não posso acreditar-o, ella, tão religiosa, tão temente a Deus, offender por forma tal, as leis divinas e humanas!

Mathilde foi por certo mal informada! Se eu fallasse n'isto a Alfredo?... E para que? Se o sabe e continua a admittir o padre em sua casa, é que algum motivo poderoso a isso o obriga. Se o ignora, para que atormental-o?

Que Deus se compadeça da sua alma!

Cintra, 12 de Setembro de 188 .

MINHA BOA MATHILDE

N'esse coração que tem sido o cofre de todas as joias da minha alma, vou hoje depositar a mais valiosa, a mais sagrada de todas.

Sou de Alfredo! O meu corpo pertence-lhe, como de ha muito lhe pertenciam o meu crêr, o meu pensar, a minha alegria, as minhas lagrimas, e a minha vida inteira!

Hontem, á uma hora da noite, entrou no meu quarto, o meu primo, o meu companheiro de infancia. Ás cinco, quando a manhã rompia, saiu do meu quarto, o meu Alfredo, o esposo da minha alma, o meu senhor!

Vem Mathilde! Estou anciosa por vêr-te. Quero, necessito mesmo que elle saiba que te escrevi, e

sabendo-o, terá a certeza que não ignoras o nosso segredo.

Quando me encontrei só, abri ao acaso um livro que estava na estante. Era a Ericia de Bocage. O primeiro verso que li foi este: — tremo do meu futuro ! — Tremo Mathilde ! o que será elle ?

Tua sempre

Nohemia

Cintra, 24 de Setembro de 188 .

MATHILDE:

Recebi a tua carta na qual me aconselhas a proceder judicialmente contra minha tia. Não o faço. Resolvi de mim para mim, não dar um passo para evitar a minha ruina! Que me importa a pobresa? Maiores soffrimentos me pungem! Alfredo, esse a quem tudo concedi, não merecia o meu amor! Tudo lhe tenho supportado com serena resignação. Sou eu sempre a primeira a offerecer-me para qualquer sacrificio. Dividas de jogo, gastos de representação, quantos caprichos o preoccupam, a tudo tenho accedido, e sem um queixume, uma observação sequer; o que porem não posso admittir, o que não supporto, são as suas loucuras com essas mulheres

perdidas com quem vive na mais estreita intimidade. Ao pensal-o, sinto que se me despedaça o coração.

Amanhã partimos para Lisboa. Disseram-me hontem, que Alfredo alugára uma caza perto de Collares, onde se reune com alguns amigos, para mais á vontade representarem as suas desenfreadas orgias!

Desvaira-se-me a razão; não sei que fazer. Vem minha boa amiga, vem, quero achegar ao teu seio, esta cabeça que se me transtorna!

Lisboa, 26 de Setembro de 188 .

«O que não crêr será condemnado» [1]

Estou condemnada meu Deus! Duvido de todos, de tudo, até da providencia divina!

Martha, a irmã do hortelão, a quem salvei um filho do degredo, acaba de atraiçoar-me! Foi servir para caza de uma franceza com quem Alfredo vive.

Hontem levou-lhe um retrato meu.

Ao jantar, houve uma scena escandalosa, de que eu fui a innocente causa!

Soube tudo isto pelo padre Manoel. Não sei que estranho poder aquelle homem exerce sobre o meu espirito! Repugna-me a sua fealdade, mas a sua intelligencia fascina-me. O amor d'aquelle homem deve ser terrivel!

Perdoae-me meu Deus!

[1] S. Marcos, cap. 16.

Lisboa, 7 de Novembro de 188.

Padre Manoel pediu-me para descer ao jardim, hoje, á uma hora da noite, proximo do pinhal... que terá a dizer-me? Alguma nova infamia de Alfredo ou de minha tia!

Não me atrevo a estar a sós com elle, sobretudo n'aquelle sitio e áquella hora da noite! e apezar de tudo, desejo-o, desejo-o louca e ardêntemente!

O padre é um homem perigoso! Tem na palavra a eloquencia que seduz, e no olhar a energia que domina. Agora comprehendo a paixão que elle inspirou a minha tia.

Meu Deus! tende compaixão da minha alma!

Lisboa, 24 de Novembro de 188.

O abandono de Alfredo precipitou-me nos braços do padre!

Estou perdida! deshonrada para mim mesma! Não crimino o destino, não!

O coração dizia-me: caminha, a razão dizia-me: pára. Segui os inpulsos do primeiro e precipitei-me na voragem.

Ninguem quando é tentado, diga que foi Deus que a tentou, porque Deus é incapaz de conduzir para o mal, e elle a ninguem tenta. [1]

[1] Epistola a S. Thiago Apostolo C 13.

Lisboa, 28 de Novembro de 188 .

Odeio o padre; é um perverso! Depois de me esbanjarem a riqueza, mancommuna-se com minha tia para me cazarem com o commendador, ou para melhor dizer, para me venderem ao commendador!

Será possivel que tambem Alfredo esteja conivente com estes infames?

Vou entrar em almoeda! quem mais dá pela neta dos marquezes de *** ?!

Abriu os olhos ao mundo com todas as flores da innocencia e da virtude, e cuspiram-lhe sobre os bentinhos. Cresceu sentindo no coração todos os instinctos do bom e do bello, e soffocaram-lh'os! Amou? trahiram-n'a! Crêu? levaram-n'a a duvidar! Foi pura? corromperam-n'a; foi rica? empobreceram-n'a! Quem mais dá pela neta dos marquezes ?!

7 de Dezembro de 188.

Empenharam-se na lucta?... Tenham-n'a, impia, sem treguas nem intermittencias!

Como ninguem, sinto-me com o valor das minhas acções.

O Romeu fez-se D. Juan? torna-se a Julietta em Messalina, amar amar, muito, sempre amar!

Tapando o ouvido ao canto da cotovia, descerei a minha varanda, e ali, sôltas as tranças, correrei em torno da figueira ruminal, semi-nua, offegante de desejos, terrivel de commoções!

Accenderam-me o altar de depravação?... A elle! Serei digna sacerdotiza!

Mal sê o meu bem! como disse o Satanaz de Milton.

11 de Dezembro de 188 .

MINNA PRESADA MATHILDE

Accusando a recepção da minha carta, dizes recear pelo meu estado moral. Não te preoccupes, nunca estive tão serena.

Não penses que a vertigem seja a causadora de eu me precipitar n'esse abysmo, que de longe descobres com o olhar da tua nobre e santa dedicação. Não, fixo-o tranquilla; hei-de descel-o, fria e pausadamente, amparando-me aqui a uma fenda, acolá a uma usnea, até o alcançar de todo. A meio caminho, não! Detesto as medianias, ou tudo ou nada. Ou o sol que alegra, ou a noite que amedronta; o crepusculo é a indecisão, a duvida, o incompleto. É nas grandes convulsões da natureza que eu admiro o crea-

dor. Na mansidão da corrente, ouço os lamentos da humanidade, no rugir do oceano pressinto a colera de Deus. Adoro a natureza quando ella repousa na mansidão de uma tela de diorama, ou quando esbraveja derrubando arvores e florestas. As brisas que emballam as folhas dos rosaes, contendem-me com os nervos, constipam-me, sem n'elles adivinhar o verbo divino!

Nos seres irracionaes, ou o cão pela docilidade ou o leão pela braveza; no homem, ou o escravo que obdeça ou o tyranno que subjugue. [1]

[1] N'esta carta por terminar, os poucos caracteres que a custo ainda se distinguem, estão por forma tal desvanecidos pelas lagrimas, que seria impossivel decifral-os.

Nota do Editor.

15 de Dezembro de 188 .

Como minha tia deve estar satisfeita! Que tertivel vingança exerceu sobre a minha alma! Tenho ciumes d'ella! ciumes horriveis! Soffro todas as torturas dos condemnados! Porque hei de amar tanto esse monstro nas fórmas e no coração ? . . .

Desprezada, aviltada, occultei o meu rosto no seio de um padre, e limpei as minhas lagrimas á dobra da sua batina!

Ó tunica inconsutil do Christo, porque talharam á tua semelhança, as vestes negras d'esses homens de alma negra!

18 de Dezembro de 188.

As serpentes enlearam-me nas suas oscillações! Já não tenho forças para desembaraçar-me. Falta-me a vontade e a energia. Estou sob a pressão d'esses dois homens a quem odeio, e a quem amo!

Desprezam-me, e eu vou servir-lhes de instrumento para alcançarem os seus fins. Seja. Concederei a minha mão ao commendador. E' mais uma victima a atrellar ao carro das suas perversidades!

E que me importa o mundo? que espero eu do mundo?

Ó minha mãe, minha doce mãe, porque não repartiste comigo a tua morte, n'esse ultimo beijo de despedida?

2 de Janeiro de 188 .

Que mais posso ambicionar para a minha felicidade? Sou a viscondessa do Valle de Lyrios; a minha riqueza assombra; cega o brilho das minhas joias, estontea o rodar dos meus trens; o sangue purissimo dos meus cavallos e todo este luxo aziatico que me rodeia! E o que sou eu no centro d'esta, para mim decoração theatral? Estatua da desventura collocada em salão de festa.

Pedi a Mathilde que me mandasse o seu confessor, o padre Anselmo!

Estive perto de uma hora com elle.

Depois da confissão, quando lhe mostrei desejos de me recolher a um convento, o padre cerrou-me fortemente a mão, e fixando-me n'um gesto pouco religioso, sorriu-se brandamente e disse-me estas palavras:

Vivite felices quibuv est fortuna peracta!

Vivei felizes ó vós que sois ricos.

20 de Janeiro de 188.

Nunca amei meu marido, nunca, mas penalisa-me a sua conducta! Não é o ciume da esposa ultrajada, é o receio de o perder, elle que tem sido para mim como um pae!

Era a unica alma boa com quem a minha alma se espandia! E perderam-m'o! Comprehendo os seus fins!

27 de Janeiro de 188 .

Realisaram-se as minhas prophecias; mataram o meu infeliz esposo!

Infames, mil vezes infames!

Deus, tu és um mytho, se o não fôras, esses homens deveriam cair fulminados pela tua colera!

3 de Fevereiro de 188 .

É a ultima pagina do meu *Diario*. Vou inutilisal-o. Para que sangrar mais as feridas que me rasgam os seios d'alma? Summe-te recordação da mocidade; apaga-te, intelligencia!

Futuro que és tu? Caminho aspero e sombrio que nos vaes conduzindo á grande noite das sepulturas!

6 de Janeiro de 188 .

Monstro! Hoje ao levantar-se, Nohemia atirou comnosco para o meio do sobrado e deu-nos de presente a Georgina!

Vão começar os nossos trabalhos! Ingrata! mil vezes ingrata! Não teremos consideração alguma por ti! Eu sobretudo, que sei mais, que tenho visto mais, nada occultarei do teu viver impuro e deshonesto!

Que bem fiz em te roubar algumas paginas do teu *Diario!* Por tua propria bocca, saberá o mundo o que és, o que foste, o que serás eternamente!

Fiz-te alguma vez doer? Nunca. Se o teu pésinho estava aborrecido de mim, não me tornasses a calçar, mas permittisses ao menos que vivesse eternamente n'essa gaveta da tua commoda, embora me desfizesse de ciumes! Mas dei-

xares-me! entregares-me a tua criada. para me calçar, acalcanhando-me talvez... Que os callos te floresçam entre os dedos, tantos e tão bastos, que só um tapa-meia como o de tua tia, ou um sapato de orêllo como o do padre, possa supportar esse pé que tão meu foi! E se porventura n'esses callos, não vires um castigo ao teu abandono, e o resultado das minhas pragas, que o rheumatismo gotoso te faça rebentar em cada pé uma parelha de joanetes, com que vás assombrando os que tiverem a ingenuidade de olhar para esses pés, onde tantos labios estremeceram de sensualismo!

Agora sim, direi tudo: esta nodôa côr de caffé que tenho no meu setim: foi um pingo de meio grosso, que cahiu do nariz do padre, uma noite que lhe beijava o pé, incendiado pela febre de um amor bestial!

15 de Janeiro de 188.

São duas horas da tarde. Estamos nos pés de Georgina; chegamos ás hortas.

A quinta está situada no fundo de um vale. O sol brilhante caíndo em chapa sobre a verdura, iria de reflexos dourados a vegetação que floresce.

Georgina veste um trage de verão, simples mas elegante. Um chapeu de palha de Italia á tyroleza com pluma vermelha, ostenta-se na sua cabecinha encantadora e irrequieta. Pepe sorri-lhe encantado ao contemplar a sua endiabrada formusura!

Apezar de uma meia de seda finissima, subtraída a Nohemia, molestamos-lhe os seus pésinhos.

De repente, Georgina levanta a perna esquerda, e collocando o pé sobre um degrau, contrae os labios n'um gesto de padecimento. Era o meu companheiro que lhe roía nm calcanhar.

Jamais esquecerei esse terrivel momento!

Sem proferir uma palavra, Pepe tira da algibeira do peito uma *cuchilla* andaluza e fazendo-a ranger nas suas cinco molas, abre-lhe a lamina, que brilha á luz do sol como a desafial-o!

Estremeci!

Continuando no mesmo terrivel silencio, o andaluz curvou-se um pouco sobre o pé de Georgina, e tirando-lhe o meu companheiro, deu-lhe um golpe profundo.

E eu assistindo a tudo sem lhe poder accudir!

A navalha tornou a fechar-se e continuámos a caminhar vagarosamente dirigindo-nos para debaixo de um parreiral.

A cada canto do jardim, erguiam se umas bancas de madeira cobertas por umas toalhas alvissimas, e sobre ellas, enormes travessas de sallada e pescadinhas fritas. Circundando os pratos, dez ou doze garrafas, brilhantes como azeviche, esperavam os labios sequiosos dos convivas.

Diversos trajes e de variegadas cores misturando-se com a verdura das arvores e das tre-

padeiras, davam um aspecto phantastico áquella vivenda illuminada de uma alegria franca.

Sentaram-se. Pepe, revendo-se nas formas de Georgina, abraçava-a de vez em quando, beijando-lhe ao mesmo tempo os labios vermelhos e brilhantes, como as duas cerejas que lhe collocára nas orelhas em forma de brincos.

As suas frases eram breves mas ternas como um arrulho de pomba, graciosas ás vezes como uma *siguidilla* outras tristes e dolentes como uma *malagueña*, mas ardentes sempre como o sol da sua terra.

La niña de ojos gachonos
que el alma me cautivó
sabe robar corazones
pero devolver-los no.

Dime que te vas con pena
aunque no sea verdad
si la mentira no es buena
es santa la caridad.

Yo nada entiendo de amores
mas discurro que han de ser

un juego que abrasa el alma,
y en los ojos se ve a arder.

Ao longe, em um dos bancos fronteiros ao caramanchão, duas mulheres de lenços na cabeça e compridas saias de gomma, contemplavam em religioso extasi, dois fadistas, que assentados ao seu lado, cantavam ao desafio.

Ou acaso, ou de firme proposito, uma das strophes dizia assim :

Sopeiras de fina laia,
não venham ás hortas não ;
que as hortas são para o faia
E para as mulheres de baixa condicção.

Pepe, menos ferido pela provocação do que pela semsaboria, e mal medido da strophe, ergueu-se n'um salto de tigre, caindo de repente sobre os tres fadistas.

Era muito de ver-se como toda essa multidão, entregue havia pouco, ás delicias da comida, se levantou de repente, para saborear as peripecias d'aquella lucta terrivel e desigual.

Agil como um coreographo, Pepe ora se cur-

vava com o tronco quasi sobre o chão, ora se erguia em saltos prodigiosos, defendendo-se e atacando ao mesmo tempo os tres inimigos menos ageis do que elle.

Em um dos saltos podéra despir a jaleca e collocando-a sobre o braço esquerdo, em quanto que com o direito brandia a sua *cuxilla* afiada e brilhante, Pepe cresceu sobre os tres, descrevendo um semicirculo com a ponta da lamina.

Ferira dois.

Rapidamente se dividiram em dois partidos: um pelo hespanhol, outro, o maior, o que mais influencia parecia ter—levado pelo patriotismo—optava por prender o malfeitor.

A questão tornava-se politica. Pepe aproveitando a calorosa discussão da turba, pegou em Georgina pelos braços, e, de fronte erguida e navalha em riste abriu uma clareira por entre aquella massa compacta, e se *xalou*.

Georgina abandonando-me na corrida, partiu com Pepe e o meu companheiro!

Fui immediatamente apanhado por uma das mulheres que estava com os feridos, e posto sobre a meza.

Ai! Nohemia, o que me vae resultando da tua ingratidão!

Foi distante das hortas que Georgina deu pela minha falta.

Valoroso á temeridade Pepe, a despeito dos rogos de Georgina veio reconquistar-me.

Como uma apparição sobre-natural, caiu de chofre no meio de vinte pessoas que discutiam o acontecimento, e arrancando-me das mãos de uma das criadas que me contemplava assombrada, pegou-me pelo contraforte, e batendo-lhe com a minha sola, na face, lustrosa de banhas cullinarias, deu um pulo de dois metros, e deixando assombrado o auditorio que o contemplava, transpôz a porta da vivenda.

Hurrah pela Hespanha! Hurrah pela hespanha!

20 de Janeiro de 188 .

Que horrivel situação a nossa! Quem poderia prever semelhante futuro?

Hoje antes do almoço, Felisarda, a irmã do guarda-portão entrou no quarto de Georgina e vendo-nos sobre uma cadeira, pediu-nos de presente.

Vamos para os pés d'essa mulher, desmazellada e mal cheirosa! Usa meia de agulha e sempre com cinco ou seis malhas caídas! Tem o calcanhar duro, golpeado, e suam-lhe os pés. Nunca houvessemos saido d'aquella redoma do sr. Vieira!

24 de Janeiro de 188 .

Estamos salvos, graças á avareza de Felisarda!

Hoje saiu comnosco debaixo do capote, e correu os adellos para nos vender. Todos nos recusavam por causa do nosso tamanho!

Felizmente, houve uma contrabandista na rua de S. Bento que lhe offereceu cinco tostões. Fomos vendidos por cinco tostões! Nós vendidos por esse preço!

25 de Janeiro de 188.

Ha dois annos que estamos na rua de S. Bento, em casa de uma adela, dentro de uma medida de meio alqueire, entre varias rolhas de vidro, um fuso, e quatro buzios.

Pendem de uma das paredes, uma infinidade de saias velhas e desbotadas, da outra uns cinco ou seis vestidos de seda de diversas côres e feitios, gastos, cheios de manchas amarellas nos sovacos dos braços, e com as rodas sujas e desfiadas.

Todos teem no mundo a sua historia; que dramas poderiam contar esses vestidos de seda!

Sobre uma banca de pinho, ao lado de uns

frascos de *cold-cream*, ergue-se uma pilha de pratos côvos. De costas, com os braços abertos, deitado sobre uma travessa de *faiance*, um Christo de madeira, cego do olho esquerdo, com uma expressão feroz e vingativa, olha para a humanidade com mais desejos de matar do que em morrer por ella!

Um gatinho preto, lustroso, e inquieto estende as unhas afiadas para o Nazareno, e agarrando-o por um dos braços, balanceia o martyr do Golgotha, virando-o e revirando-o, sobre a superficie lisa da travessa.

Sentada sobre um tamborete de moscovia, uma velha baixa, gorda, villissimamente anthipatica, escolhe uma porção de rebotalhos de lã, para deitar uns fundilhos em umas calças de casemira que tem sobre os joelhos.

Entram duas freguezas. Pelo que ouvimos, uma d'ellas havia feito a promessa de vestir uma Nossa Senhora das Dores, que estava em uma capella da egreja da sua freguezia, mas vestil-a de ponto em branco, desde os bicos dos pés até á cabeça, segundo a sua phrase!

Exultámos de alegria! Iamos emfim ser feli-

zes! Que melhor substituição? Depois do pé de Nohemia o de Nossa Senhora!

Tinhamos de ser adorados! Não o haviamos já sido tantas e tantas vezes? O povo curvar-se-ia reverente diante de Nossa Senhora, com o seu traje, que fôra de uma das primeiras actrizes da capital, com a sua camisa de bretanha, que vestira uma das andaluzas do café cantante, e comnosco, emfim, que pertenceramos a Nohemia e que foramos beijados pela nobreza, clero e povo!

Não tardou que a nossa sorte se decidisse, vieram buscar-nos do meio alqueire, mas, horror! tornaram a deixar-nos cair sobre as maldictas rolhas!

É que os pés da santa, ainda eram maiores do que os de Nohemia, maiores até que os de Georgina! — do tamanho dos de mr. Bark, a esposa do lord que me havia querido comprar para um breloque.

As beatas desappareceram, e com ellas o sonho dourado que por momentos brilhou nas trevas da nossa reclusão!

Meia hora depois, entravam duas raparigas,

alegres estouvadas! olhando zombateiramente para tudo que as cercava, ora fallando baixo e apontando para os vestidos, ora soltando gargalhadas infrenes e provocadoras.

Se estas nos quizessem?...—murmurava eu para o meu companheiro—a nossa *vida* sem duvida, seria mais alegre!

N'esse momento, senti que me agarravam, e pouco tempo depois, um pesinho estreito e nervoso, entrava no meu seio.

Cobrámos de novo a liberdade. Comprados por uma actriz do theatro da rua dos Condes, iamos entrar na magica de grande espectaculo —*A Princeza dos Cabellos de Ouro!*

Emquanto não fosse pateada a peça, seriamos durante a noite os sapatinhos de uma princeza!

Iriamos ao escriptorio do emprezario; desceriamos depois ao palco, onde seis centos olhos nos contemplariam!

Abençoado sejas ignoto esculptor que modelaste os pés de Nossa Senhora pela fôrma dos sapatos de mr. Bark!

31 de Janeiro de 188 .

Estamos sobre uma poltrona forrada de brocatel côr de canario. Cobrem-nos um par de meias de *fille d'ecosse* que, verdade seja dita, não conservam um aroma tão agradavel como tinham as meias de Nohemia.

As paredes do quarto são forradas de papel vermelho, adamascado. Dos frisos do tecto, pendem varias oleographias. Os seus assumptos são alegres, voluptuosos, aphrodisiacos alguns!

O leito é de cerejeira, novo, e lustroso como um espelho. A cama ainda está por fazer. Uma banca de cabeceira com pedra de Italia, sustenta uma palmatoria de vidro, sem *bobeche* e com um côto de vela de stearina. Junto da meza, umas

botas de setim preto, acalcanhadas, e com a borracha saindo da seda dos clasticos, aconchegam-se tristemente como recordando melhores dias.

A minha dona chama-se Belmira: a aia, a sua confidente, aquella que todas as noites a acompanha ao theatro, e que ás vezes lhe é mãe, é agora conhecida pelo nome de Rosa.

Rosa fôra esposa legitima de um furriel de granadeiros da Rainha, morto em 1846 no alto do Viso.

Viuva e formosa, sorriu-lhe a carreira theatral, e com os olhos humidos ainda das lagrimas da viuvez, debutou como comparsa no theatro do Salitre.

Como jamais conseguisse entrar pela cartilha, o machinista do theatro, que por vezes lhe arrastára a aza, aconselhou-a a que fosse figurar nas pantomimas de D. José Serrate, onde melhor podia apresentar os thesouros da sua belleza plastica.

Chamava-se por esse tempo Rosalinda.

Rosalinda acceitou o conselho, e um domingo, finalmente, entre os applausos de uma multidão

enthusiasta, debutou na pantomima de grande espectaculo em tres actos: — *O Estudante de Coimbra.*

Teve um successo estridulo! Em pouco tempo, tornou-se a actriz querida de todos os espectadores. Bastava o seu nome impresso no cartaz, para haver uma concorrencia enorme! Para provar mais uma vez que aos grandes talentos sempre um defeito os acompanha, a actriz deu em embriagar-se. Dinheiro que nas mãos lhe caisse, era immediatamente *estafado*—como ella dizia—em licor de rosa e pasteis.

Ao cabo de dois annos, D. José Serrate, ingrato como todos os emprezarios, e como todos deslembrados do muito que devem a talentos iguaes ao de Rosalinda, retirou-a da scena, e lá se foi aquelle astro promettedor, escorregando pelas ruas da amargura, até cair desfallecido sobre o balcão do lupanar immundo e asqueroso.

Ao cabo de dois annos, o alcool, as insomnias, e um sem numero de enfermidades, haviam-lhe estiolado as rosas da formusura.

A peccadora dera a sua missão por terminada,

e, lançando-se no tráfego de *dona de caza*, estabeleceu-se para as bandas da rua larga de S. Roque.

Por esse tempo, não o licor de rosa, mas sim a genebra, o aniz e toda a especie de bebida, fez com que o seu estabelecimento, longe de prosperar, caisse em um lastimoso abatimento.

Por noites de embriaguez, a sua caza era um antro de desordens. Tão grandes e tão repetidas foram, que em pouco tempo, desappareceram as suas protegidas e toda a concorrencia com que de futuro contava.

Mezes depois, no ultimo periodo da miseria, foi levada para o hospital de S. Lazaro, e ali, dada por incuravel.

A sciencia que nem sempre é infallivel enganou-se ainda uma vez, e ao cabo de um anno Rosalinda saiu do hospital.

Encontrando-se com Belmira, seu antigo conhecimento, foi recolhida por esta como companheira de caza.

Belmira era engeitada. Da sua infancia pouco se recorda. Encontrou um dia um homem que lhe chamou formosa e deu-se-lhe.

Abandonada em pouco tempo pelo seu primeiro amante, Belmira debutou como corista n'um theatro de feira. Formosa como já dissemos e com alguma vocação para a arte, Belmira escudada pelo seu arrojo, em pouco tempo adquiriu nome.

Agora é segunda dama no theatro da Rua dos Condes. Tem por amantes um conselheiro do tribunal de contas, um aspirante de lanceiros, e pelo que hoje ouvi dizer arrasta a aza ao emprezario.

3 de Fevereiro de 188.

Estamos no quarto de cama de Belmira, sobre uma poltrona. São dez horas da noite. O quarto exhala um perfume activo de *pat-chouli*, e almiscar. Ou este aroma, ou o divino *Ylang-ylang*, usado por Nohemia!

Belmira, em frente do espelho, com os cabellos destrançados, e o seio nú, branqueia e guarnece a *coldcream* e pós de arroz, a sua pelle um pouco aspera, trigueira talvez, mas encantadora, fresca, desejosa.

Terminada a operação, olha para o relogio, como implorando-lhe que abrevie a hora que ella deseja. Entretanto, vae soltando as saias, e substituindo a camisa que traz vestida, por uma

outra mais fina e guarnecida de rendas. Abre uma das gavetas da commoda d'onde tira um par de meias de seda, e dirigíndo-se á poltrona onde estamos, senta-se, põe as meias, puxa-as sobre o joelho, prende-as a uma liga de setim azul com fivellas douradas, e em seguida calça-nos.

Levanta-se, e bate com o pé no chão; não lhe estamos á vontade, soffre, soffre talvez, mas, para ser bella, é preciso saber soffrer, e demais, não tarda que chegue o conselheiro. Haverá algum conselheiro que resista indifferente aos nossos encantos?

Belmira passeia no quarto, suppondo que nos alarga; n'uma das voltas, dirige-se ao guarda-roupa e tira uma bata branca, de um exquisito bordado. Veste-a e colloca-se defronte de um grande espelho do guarda-roûpa; levantando a saia, revê-se orgulhosa na formosura do seu proprio pé.

N'isto, o relogio bate dez badaladas, á undecima abre-se a porta e entra o sr. conselheiro Mathias José Lopes.

Belmira lança-se-lhe nos braços, e tirando-lhe

o chapeu, que ainda conservava na cabeça, descobre ao altar da volupia, a calva respeitavel e luzidia do seu muito respeitabillissimo funccionario.

Este colloca-se á vontade. Despindo a sobrecazaca, tira o collete e fica-se em suspensorios. No peitilho de finissima bretanha, brilham dois diamantes, que eram a eterna preoccupação de Belmira.

Mathias José é de um aceio irreprehensivel. Tem sessenta annos; as suas fórmas são herculeas. Tirante o desenvolvido do abdomen, a figura é esculptural. Usa a barba toda rapada; attendendo á lisura da pelle, nota-se que o seu barbeiro deve ser um portento na arte de escanhoar!

Os olhos são grandes, expressivos, e de uma constante mobilidade. Sob um nariz romano, dois labios humidos e vermelhos, descobrem-lhe n'um sorriso constante, uns dentes de precioso esmalte. Tem um certo orgulho em assim os ter, e accusa a mocidade de não usar como elle, tanto cuidado na limpeza da bocca.

Approximando-se de Belmira, abraça-a pela

cintura e dando-lhe um beijo na face, senta-se com ella na *chaise-longue*.

. . . .

. . . .

Ai que differença entre as caricias d'este conselheiro, e o Melampo, ou Alfredo, ou o visconde de Valle de Lyrios, ou mesmo o padre Manuel!

Já não digo que me beijasse, não! mas nem sequer olhou para mim o maldicto?...

É que esta gente do Supremo Tribunal de Contas, só a enthusiasma a carne, ou quando muito, os calcanhares rachados das ovarinas, nos sóccos ou fóra d'elles!

Arreda materialistas, não se fez o sapatinho para os labios dos empregados do Tribunal de Contas!

6 de Fevereiro de 188.

Hontem voltou o sr. Mathias Lopes. Estava abarrotando de zellos e acriminações.

Foi um despejar de injurias improprias da boca de um conselheiro.

Citando varios individuos victimas do amor, veio a pêlo o visconde de Valle de Lyrios. Fallou muito do desgraçado, e de todos os seus algozes.

Com que profunda curiosidade o escutei! Havia dois annos que eu não sabia d'essa gente.

Dez mezes depois da morte do visconde, Nohemia cazou-se com Alfredo e foram viajar. Nos primeiros quinze dias, a sua vida deslisou feliz e venturosa, sem que as sombras do re-

merso lhes ennoitassem o sol da sua alegria; porém, o jogo, essa terrivel paixão que jamais o abandonára, volveu ainda mais tempestuosa, e conduzindo-o a Baden, precipitou-o sobre o tabolleiro do *Rouge et noir*.

Jogou, jogou muito, e a sorte a favorecêl-o; mas, ao cabo de uns dias, a caprichosa soltou-o dos seus braços, e lá se foi tabolleiro abaixo, a collossal riqueza, herdada de Luiz Clemente.

Voltaram para Paris, e, pouco tempo depois, em uma pequena casa do Boulevard Lane, Alfredo atirou com a alma a Deus, e a espoza, a pallida Nohemia, aos padres da Igreja de S. Luiz Rei de França — Portugal — Lisboa. Portas de Santo Antão, n.º 104, Freguezia de S. José!

Padre Manuel, junto de D. Clementina, contempla entristecido o tapa-meia da fidalga, recordando-se com saudade do meu lacinho de setim.

Pepe e Georgina, estabelecidos perto do Chiado, importam andaluzas, para que nos seus gentis *meneos*, quebrem a monotonia da nossa *cocote* luzitana.

12 de Fevereiro de 188.

Assentes sobre um throno de ouro e purpura, estamos nos pés de Belmira a princeza dos — *Cabellos de Ouro* — Desfilam por diante de nós um exercito de valentes, de lança em riste, e capacetes de papelão dourados.

Vinte mulheres, involtas em finissimas gazes, praticam milagres coreographicos saudando a princeza. A orchestra desafina. Da platéa quinhentas pessoas nos contemplam. O conselheiro está na frisa do palco, aponta-nos o binoculo, e mostrando-nos as perolas da bocca, sorri-nos cupidamente.

Como tu és bello ó theatro! Como deves ser insipida ó Igreja!

15 de Fevereiro de 188 .

Antes de hontem ao acabar o espectaculo. Belmira, por esquecimento talvez, deixára-nos sobre uma cadeira, debaixo de uma camisa, na verdade pouco limpa!

Entre varios individuos que frequentavam o camarim, havia um, reconhecido como trocista de *primo cartelli*. Rarissima era a noite que não fizesse alguma partida.

Ao vêr-nos, pegou no meu pobre companheiro, e levou-o dentro do bolso.

Nunca mais pude haver noticias d'elle. Ai como a solidão é horrivel!

Amanhã quando Belmira vier para o ensaio o que será de mim?

Antes o pé de Nossa Senhora.

Como deves ser boa ó Igreja! Como tu és malvado ó theatro!

20 de Fevereiro de 188.

São dez horas da noite. Encontro-me debaixo de um leito de ferro, pintado de vermelho, estreito e sem parafusos. Ameaça ruina. Ampara-o um banco de pinho, coberto de pingos de cebo, e com um pé chamuscado.

Em vez do meu irmão, acompanha-me um chinello de liga vermelho, côr de café com leite no calcanhar, cheio de sumagre e com a trancinha em fios. Vellos de lixo, humidos e bolorentos, interrompem a marcha lenta e vagarosa das baratas, que, trepando-me pelo contra-forte, vem aninhar-se no meu seio, n'este seio que foi o voluptuoso sancturio do pé de Nohemia! Um lenço de algodão branco, ensopado em papas de linha-

ça, exhala um aroma acre e repugnante. Uma bacia redonda, com uma aza apenas, e essa mesma quebrada, thuribúla um cheiro de sarro. Como pregados ás tabuas, dois pares de meias de algodão, sujas e esburacadas, misturam-se com uma porção de trapos! Tolda a atmosphera o cheiro activo e nauseabundo de roupa suja e amoniaco. Uma gata amarella, velha e ophtalmica, ficta-me com o seu olhar philosophico e scismador. Junto ao leito, sobre uma banca de nogueira crivada pelo caruncho e semelhando um favo, arde em reflexos dourados, a torcida de um candeeiro de petroleo quasi despejado. O terço de uma meia azul, com as agulhas nas *preguiçosas,* estende-se sobre a base do candeeiro. Proximo, em um prato de *faiance,* já sem esmalte, a cabeça de uma pescadinha descommunal, descobrindo duas ordens de dentes, finos, agudos e penetrantes, ficta os estremecimentos da luz, com o seu olhar frio e embaciado. Uma garrafa de um verde desvanecido, debruça-se sobre umas codeas de pão, duras, da côr do marfim antigo, e enodoadas por uns reflexos azues, e já com a penugem proveniente da humidade. Sobre um

guardanapo, cheio de nodoas escuras, cruza-se uma faca de cabo de folha, com um garfo de estanho de dois dentes apenas.

N'uma cadeira de mogno, com o assento de casquinha, enrola-se uma manta de lã branca, a uma saia de riscadinho azul, desbotada e cheia de lama em toda a roda.

De repente, abre-se a porta e entra uma mulher. Tem vinte e sete annos. As fórmas são esculpturaes. Devêra ter sido bella, extremamente formosa! Conserva ainda no olhar adormecido pelas vigilias, uns reflexos de bondade divina. O nariz, levemente arqueado, começa a ressentir-se dos effeitos do alcoolismo. Os dentes admiravelmente esmaltados, denunciam-se-lhe atravez de uns labios vermelhos, humidos e sensuaes.

Tem apenas um defeito: é gaga e pela *Gaga* é conhecida.

Todos a receam. Tem nos pulsos a grande força que subjuga, no coração o valor que assombra. É orgulhosa da sua fama, justamente merecida. Ensoberba-se quando narrando as suas aventuras, confessa ter estado dez vezes no Alju-

be. É conhecida em todas as esquadras, e não ha escrivão na Boa-Hora que lhe não tenha aberto algum processo. Tem sorrisos bons para os juizes que a absolvem, como gestos impudicos para os que a condemnam. Ninguem traça a manta com mais valoroso garbo, quando sem permissão do juiz se levanta no banco dos réus para o interromper. Consta que já em uma audiencia, batera com a palma da mão esquerda, no ante-braço direito e curvando este, de mão fechada, a levou á altura do humero, fixando o juiz com gesto insolente e desabrido.

Exigente na escolha dos seus amantes, o mais valente é sempre o preferido.—O ultimo, o que mais tempo lhe durou era o terror do botequim do *Refilão,* e tinha cinco mortes. Amava-o extremamente. Quanto podia ganhar, tudo era para lhe levar á cadeia.

Esteve resolvida a ir com elle para o degredo, porém, um dia, sabendo que tinha commettido o acto de covardia de fugir do juiz da sala n.º 2, a *Gaga,* nunca mais quiz saber do seu amante.

Hoje, vive com um vidraceiro que é o terror

da Mouraria. Ha dias, por causa da Anna Cega, uma visinha do lado, a *Gaga metteu mão* com o vidraceiro e fez-lhe um lenho na *cronica,* como ella chama ao rosto do seu *Senhor*.

Eis aqui a minha dona! Eu, que fui de Nohemia, de Georgina, de Felizarda; que estive para ser de Nossa Senhora dos Dôres, encontro-me agora n'esta casa, no pé da *Gaga*.

A *Gaga* vinha embriagada. Descalçando as suas botas cheias de feitios, atirou com ellas ao meio do chão e principiou a caminhar em palmilha de meias, até que debruçando-se por debaixo do leito, pegou no sapato de trança, calçou-o, e em seguida, com a sua mão aspera e callosa, acalcanhou-me, e introduziu no setim do meu seio, um pé frio, aspero e terrivelmente ameaçador!

Para o que eu estava guardado!

Momentos depois, ouviram-se uns apitos, e em seguida uma voz de mulher, rouca e avinhada, chamando em altos gritos, pela que se tornára minha dona.

Era que o amante havia dado uma facada n'um carroceiro, e, apesar de se ter evadido, a

policia cortára-lhe as travessas, e jazia na casa da guarda.

Chovia a cantaros. Não me recordo como desci a escada, sei apenas que me encontrei na rua, saltando aqui uma poça, acolá um barranco, e seguido por uma multidão infrene, louca, sem rasão nem entendimento!

Pobre de mim! seguia sempre o meu companheiro, que mais forte do que eu, ia alegre e satisfeito, como se fôra esse o seu elemento.

É que havia nascido ali, n'esse bairro infecto da Mouraria entre o tamanco e a bota de simonte, emquanto que eu, pobre de mim, era natural do Chiado e onde estive por perto de um anno, entre pellica e seda, entre setim e duraque.

Entramos finalmente na caza da guarda. A *gaja* principiou a vociferar contra a injustiça da authoridade, allegando que seu amante fôra preso, e que se alguem havia esfaqueado, tinha sido em defeza propria!

Farto de a supportar, o cabo da guarda, passou da ameaça ao empurrão, e em dois minutos era arrastada para o meio da rua.

Como eu lhe molestasse o seu enorme pé, sacu-

dio-me e precepitando-me de encontro a uma parede seguiu com o meu repugnante companheiro.

Era emfim livre! Livre dizia eu, e de que me servia essa liberdade? Que podia eu fazer ali, só, ao desamparo e sem mão amiga que me protegesse?

Amanheceu emfim: os primeiros alvores do dia reflectiam-se tristemente sobre as poças da calçada. Um cão vadio, magro esfaimado, dirigia-se merencoriamente para um barril de lixo que se encontrava proximo de mim. Na sua voracidade, atirava-me com pedaços de papel sujo, e com os restos de uma hortaliça, secca e doentia.

Ai como eu soffri n'esse momento!

Cançado de buscar innutilmente algum osso onde satisfizesse o seu apetite, abandonou o barril, e, farejando na calçada abocou-me, e principiou a atirar comigo ao espaço.

Com que saudades me recordei de Melampo!

Em pouco, senti vagamente o som de uma campainha. Era uma carroça enorme, cheia de lixo, papeis velhos, e alguns bocados de folha de flandres, brilhantes como pedaços de prata.

Uma vassoura, arrastou-me para um montão de trapos, depois, senti-me levar para dentro da carroça, e ali fiquei ao de cima de tudo, podendo olhar para o sol que me sorria, para essas janellas onde de vez em quando apparecia um rosto que me olhava como a compadecer-se da minha sorte.

Conduziram-me por beccos e travessas para mim desconhecidos; finalmente, encontrei-me na rua de S. José.

Por ali passára eu, uma tarde em que o padre Manuel fechado com Nohemia dentro do coupé, se dirigiam para Bemfica.

A carroça continuou na sua marcha lenta e vagarosa, ao som d'aquella terrivel campainha, sempre ao som d'ella, triste como um dobrar por mortos!

O destino empenhava-se em me torturar.

Ao chegarmos ás portas de Santo Antão defronte mesmo da egreja de S. Luiz Rei de França, a carroça parou. N'esse momento, approximou-se um coupé da companhia, e de dentro d'elle, saiu uma mulher: era Nohemia!

Não era a mesma; era a sua sombra! Trajava

de negro. Acompanhava-a uma creada, não como Georgina, mas uma creatura baixa, gorda, e com oculos verdes.

Ao apear-se, para entrar na Igreja vi-lhe a perna. Involvia-a uma meia de algodão escuro, grossa e em refegos.

Já não era o pé de Nohemia, o que fôra meu, o que andára no meu seio. Uma tapa-meia de duraque com sete ilhoses de metal, calçava-lhe aquelle pé, inveja das formosas, orgulho de Alfredo, adoração do padre e gloria minha!

O tornozello, destacava-se informe, e ó vergonha das vergonhas, os joanetes principiavam a despontar!

Caira-lhe a minha praga.

Quando me occultava sob umas folhas de couve lombarda, como envergonhado do mal que lhe desejára, ouvi o carroceiro a dizer para o varredor:

— Lá vae a viscondessa de Valle de Lyrios; aquillo é que é uma SANTINHA!

FIM

ERRATAS

PAGINAS	LINHAS	ONDE SE LÊ	LEIA-SE
1	8	intoxicação	entoxicação
4	8	encontrase	encontrasse
26	22	Zurrando	Surrando
32	21	affirmam	affirmando
45	7	torma	fórma
45	12	storez	stores
49	16	que havia na bordadura;	que havia na bordadura
51	11	umu	uma
61	23	Luiz Clemen e,	Luiz Clemente,
95	4	cohendo-me	colhendo-me
96	8	de si mesmo	de si mesma
116	11	memphistophelico	mephistophelico